



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CAMPUS SENHOR DO BONFIM
COLEGIADO DE GEOGRAFIA

ELENILSON SILVA COSTA

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO DE FILADÉLFIA-BA DE 1985-2022 SOB
A PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA HISTÓRICA

SENHOR DO BONFIM, BA

2022

ELENILSON SILVA COSTA

**A PRODUÇÃO DO ESPAÇO DE FILADÉLFIA-BA DE 1985-2022 SOB
A PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA HISTÓRICA**

Trabalho apresentado a Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Campus Senhor do Bonfim, como requisito da obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Átila de Menezes Lima

SENHOR DO BONFIM, BA

2022

C837p

Costa, Elenilson Silva

A produção do espaço de Filadélfia-Ba de 1985-2022 sob a perspectiva da geografia histórica/ Elenilson Silva Costa–Senhor do Bonfim-2022.

82 f.: il.; 29 cm

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Senhor do Bonfim-Ba, Senhor do Bonfim-Ba, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Átila de Menezes Lima.

1. Filadélfia-Ba - Espaço urbano - Estudo. 2. Geografia histórica – Território – Análise. 3. Norte da Bahia – Desenvolvimento geográfico. I. Título. II. Lima, Átila de Menezes (Orient.). III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 307.760981

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca SIBI/UNIVASF

Bibliotecário: Fábio Santiago

CRB5/1785

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO CURSO
DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
FOLHA DE APROVAÇÃO PARA TCC**

ELENILSON SILVA COSTA

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO DE FILADÉLFIA-BA DE 1985-2022 SOB A
PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA HISTÓRICA

Trabalho apresentado a Universidade Federal
do Vale do São Francisco – UNIVASF,
Campus Senhor do Bonfim, como requisito da
obtenção do título de Licenciada em
Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Átila de Menezes Lima

Aprovado em: 08 de abril de 2022.

Banca Examinadora



Prof. Dr. Átila de Menezes Lima, CGEO - UNIVASF(Orientador)



Prof. Dr. Sidclay Cordeiro Pereira(UPE, Petrolina, PE)



Profa. Dr. Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega (CGEO - UNIVASF)

Dedicatória

Dedico esse trabalho a minha esposa (Daniela), aos meus filhos, (Gustavo, Gabriel e Melissa), ao meu pai, (Escolático) e a minha mãe (Maria Amélia), que foram importantes na minha permanência na Universidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela sua infinita bondade...

“Deem graças ao Senhor por que ele é bom; o seu amor dura para sempre”

Salmos 107:1

“Lembre de Deus em tudo o que fizer, e ele lhe mostrará o caminho certo”

Provérbios 3:6

Aos meus pais, a minha esposa, aos meus filhos, aos meus irmãos, que sempre estiveram ao meu lado nos momentos difíceis da minha vida e que por eles decidir continuar nessa trajetória.

A todos os familiares e amigos que torceram e contribuíram de alguma forma para essa conquista.

Aos meus colegas de turma pelo companheirismo, apoio e pela troca de experiência, sem os mesmos eu não teria conseguido chegar até aqui.

Ao meu orientador Prof. Dr. Átila de Menezes Lima, pela paciência, dedicação, sugestões e por ter desempenhado tal função de forma responsável.

A Bruna Costa por ter disponibilizado os registros fotográficos.

Aos professores do colegiado de geografia, pelos ensinamentos, trocas, por fazerem um trabalho de excelência e por terem contribuído para minha formação acadêmica.

A todos os funcionários da Universidade (zeladores, seguranças, os bibliotecários, coordenadores dos cursos...).

Aos professores que aceitaram participar da banca avaliadora.

RESUMO

O espaço geográfico é compreendido por uma perspectiva histórico-social de determinada localidade na qual tenta se compreender o espaço e neste a paisagem pode ser um dos principais objetos de estudo, as cidades são lugares essenciais dos quais as transformações geográficas são mais visíveis. Nessa perspectiva, este trabalho tem por objetivo a compreensão acerca das transformações do espaço urbano da cidade de Filadélfia-BA, diante do processo histórico da produção paisagista no município desde 1985 a 2022. A cidade fica localizada na região norte da Bahia, obtendo como vizinhos os municípios de Ponto Novo, Antônio Gonçalves, Itiúba, Pindobaçu e Senhor do Bonfim. Esta pesquisa está amparada por intermédio da metodologia qualitativa, possuindo como material de análise: fotografias, estudo de campo, entrevista e pesquisas bibliográficas. Os aportes teóricos e todos os instrumentos dos quais foram de grande contribuição para esta monografia trazem análises e reflexões sobre a relevância de ser analisado o histórico de um determinado local e, com isso, contribuir com as pesquisas de interpretação geográfica, sendo de suma importância em relação a temática escolhida e desenvolvida, como principais autores que discorrem sobre a temática e foram de grande contribuição neste trabalho temos Lima e Amora (2012) os quais estabelecem a relação entre história e geografia.

Palavras – chave: Interpretação histórica; Filadélfia-BA; Espaço urbano; Contexto histórico-geográfico

ABSTRACT

The geographic space is understood by a historical-social perspective of a determined locality in which one tries to understand the space and in this the landscape can be one of the main objects of study, the cities are essential places of which the geographic transformations are more visible. In this perspective, this work aims to understand the transformations of the urban space of the city of Filadélfia-BA, in view of the historical process of landscape production in the municipality from 1985 to 2022. The city is located in the northern region of Bahia, obtaining as neighbors the municipalities of Ponto Novo, Antônio Gonçalves, Itiúba, Pindobaçu and Senhor do Bonfim. This research is supported by qualitative methodology, having as material for analysis: photographs, field study, interview and bibliographic research. The theoretical contributions and all the instruments that were of great contribution to this monograph bring analyzes and reflections on the relevance of analyzing the history of a particular place and, with that, contributing to the research of geographic interpretation, being of paramount importance in relation to the theme chosen and developed, as the main authors who discuss the theme and were of great contribution to this work, we have Lima and Amora (2012) who establish the relationship between history and geography.

Keywords: Historical interpretation; Filadélfia-BA; Urban space; Historical-geographical context.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACM	Avenida Antônio Carlos Magalhães
ADAB	Agência de Defesa Agropecuária da Bahia
BA	Bahia
CLIPEM	Clínica Pedagógica Municipal
CERB	Companhia de Engenharia Hídrica e de Saneamento da Bahia
EMBASA	Empresa Baiana de Águas e Saneamento
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
M ²	Metro Quadrado
NE	Nordeste
PIB	Produto Interno Bruto
PMF	Prefeitura Municipal de Filadélfia
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
R\$	Reais
TIPNI	Território de Identidade Norte do Itapicuru.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa do Brasil, com destaque para região Nordeste (NE) para o estado da Bahia (BA), do município da área de estudo.

Tabela 1 - População residente e estimada do município de Filadélfia.

Tabela 2 – Domicílios recenseados pelo IBGE 2022.

Figura 2 - Pirâmide Etária de Filadélfia - BA, 2010.

Figura 3 - PIB de Filadélfia.

Figura 4 – Fábrica do ramo cerâmico.

Figura 5 – Fábrica do ramo de Laticínios.

Figura 6 - `Praça Cleriston Andrade.

Figura 7 – Praça Cleriston Andrade.

Figura 8 - Rua Ana Izabel Muniz Maia.

Figura 9 - Rua São Jorge.

Figura 10 – Rua Jovino Oliveira Santo.

Figura 11 – Rua Jovino Oliveira Santo.

Figura 12 – Hospital São Sebastião 1990.

Figura 13 - Hospital São Sebastião 2022.

Figura 14 – Colégio Estadual Cecentino P. Maia 1999.

Figura 15 – Colégio Estadual Cecentino P. Maia 2022.

Figura 16 – Igreja Católica São Sebastião 1999.

Figura 17 – Igreja Católica São Sebastião 2022.

Figura 18 - Açougue Municipal 1999.

Figura 19 - Açougue Municipal 2022.

Figura 20 – Avenida ACM 1990.

Figura 21 – Avenida ACM.

Figura 22 – Prefeitura Municipal 1990.

Figura 23 – Prefeitura Municipal.

Figura 24 – Creche mãe Dedé 1988.

Figura 25 – Creche Mãe Dedé 2022.

Figura 26 – Mapa da Localização da área de estudo.

Figura 27 – 1º Feira Livre.

Figura 28 – Praça Clériston Andrade.

Figura 29 – Avenida Antônio Carlos Magalhães.

Figura 30 – Açude, onde hoje é a praça Luiz Eduardo Magalhães.

Figura 31 – Início das obras da Praça Luiz Eduardo Magalhães.

Figura 32 – Praça Luiz Eduardo Magalhães.

Figura 33 – Construção da CLIPEM.

Figura 34 – Festa do Feijão.

Figura 35 – Último treino do “Campão”.

Figura 36 - Construção do Colégio Municipal Professora Alice Lopes Maia.

Figura 37 – Campo “Seu Zeca”.

Figura 38 – Campo “Seu Zeca” e lagoa.

Figura 39 – Estádio de Futebol Adjacy Lopes.

Figura 40 – Ruas pavimentadas do Bairro do Estádio.

Figura 41 – Açude no Bairro do Estádio.

Figura 42 – Avenida ACM (Bairro do Estádio).

Figura 43 – Rua Jovino Oliveira Santo.

Figura 44 – Igreja Católica.

Figura 45 – Bairro Novo.

Figura 46 – Bairro Novo.

Figura 47 – Loteamento Várzea do Curral.

Figura 48 – Lotes sem uso (Loteamento Várzea do Curral).

Figura 49 – Rua Hidelbrando O. Maia.

Figura 50 – Planta do Loteamento Adedina Maia.

Figura 51 – Creche Sonho de Criança (Loteamento Adedina Maia).

Figura 52 – Rua contemplada com infraestrutura.

Figura 53 – Área ao Sul da Creche.

Figura 54 - Hotel Portal da Cidade, Avenida Eudaldo Mota.

Figura 55 – Lagoa das Garças.

Figura 56 – Edificações do Loteamento Recanto das Gaivotas.

Figura 57 – Chácara em área rural.

Figura 58 – Loteamento Fazenda Maçaroca - Filadélfia.

Figura 59 – Condomínio Náutico Verano – Filadélfia.

Figura 60 – Lotes na Fazenda Carrapato - Filadélfia.

Figura 61 – Balneário do Sítio do meio.

Figura 62 – Casas Populares do Bairro Várzea do Curral.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA HISTÓRICA DA CIDADE DE FILADÉLFIA A PARTIR DAS ANÁLISES DE FATOS HISTÓRICOS.....	22
2.1 DOCUMENTOS COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA.....	24
2.2 A HISTÓRIA ORAL COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO E DOCUMENTAL.....	25
2.3 AS FOTOGRAFIAS E SEU PAPEL NA COMPREENSÃO DAS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS.....	26
3 FORMAÇÃO TERRITORIAL DE FILADÉLFIA-BAHIA.....	30
4. PROCESSO DE SOBREVALORIZAÇÃO DO ESPAÇO: UM OLHAR SOBRE O CENTRO DA CIDADE.....	41
5. TRANSFORMAÇÕES OCORRIDA NO ESPAÇO DA CIDADE: REFLEXÕES DAS TRANSFORMAÇÕES A PARTIR DE REGISTROS FOTOGRÁFICOS.....	45
5.1 ÁREAS CENTRALIZADAS.....	46
5.2 BAIROS PERIFÉRICOS.....	52
5.3 LOTEAMENTOS PARTICULARES	57
5.4 CHACREAMENTO, CONDOMÍNIO E BALNEÁRIO NA ZONA RURAL.....	63
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	69

INTRODUÇÃO

Compreender as transformações geográficas dos espaços urbanos nos faz trilhar por um percurso histórico caracterizador de contextos, territórios, cultura e significações sociais, nos permitindo conhecer a ação humana, em suas diferentes manifestações, no estabelecimento das relações sociais, políticas, históricas e culturais, em determinado contexto histórico e espaço geográfico. São transformações que nos remete aos agentes sociais, aos meios de produção e subsistência e, principalmente ao surgimento de espaços sociais, urbanos, com atributos e características específicas que modificam e alteram os espaços naturais de forma contínua e dinâmica.

Braga (2007, p.05) entende o espaço geográfico “como estrutura de relações sob determinação do social; é a sociedade vista com sua expressão material visível, através da socialização da natureza pelo trabalho. É uma totalidade estruturada de formas espaciais”.

Para Carlos (2007, p.11), as transformações geográficas presentes no território só podem ser explicadas pela história, uma vez que as cidades enquanto construção humana,

é um produto histórico-social e nesta dimensão aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo do processo histórico de uma série de gerações. Expressão e significação da vida humana, obra e produto, processo histórico cumulativo, a cidade contém e revela ações passadas, ao mesmo tempo em que o futuro, que se constrói nas tramas do presente – o que nos coloca diante da impossibilidade de pensar a cidade separada da sociedade e do momento histórico analisado. (CARLOS, 2007, p. 11)

As cidades são locais dos quais se tem as materializações mais visíveis dos processos, formas e agentes transformadores do espaço, tendo uma circulação do capital muito forte e frequente fazendo com que o meio urbano seja mutável. No local em que hoje é um centro bastante movimentado tendo um comércio muito ativo, futuramente pode tornar-se uma área cristalizada devido à perda de seus atrativos, tanto comerciais como sociais, conseqüentemente mudando a paisagem urbana que é entendida como “a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano”. (ADAM, 2008 apud CULLEN, 1983).

Para entender melhor essas transformações, é necessário saber quem as provém. Para Corrêa (1989) os agentes produtores do espaço urbano são: os

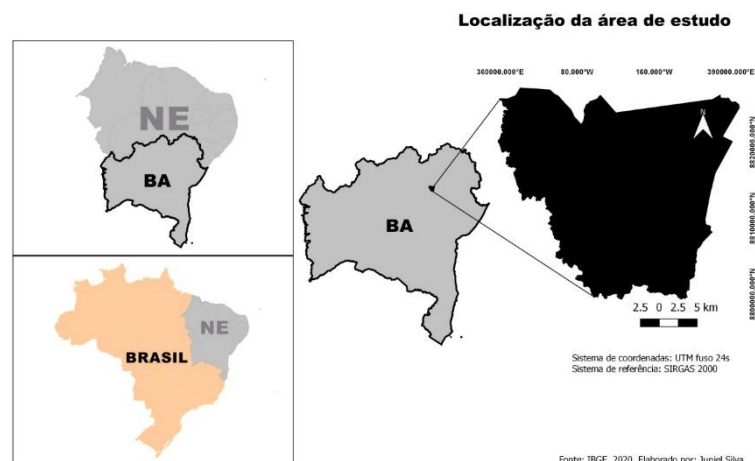
proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, estado e os grupos sociais excluídos. É essencial elencar que os agentes e processos transformadores do espaço urbano não atuam somente nas grandes cidades, mas, em todos os espaços, independentemente do tamanho.

A atuação desses agentes desencadeia vários processos que segundo Corrêa (1989) “são responsáveis imediatos pela organização espacial desigual e mutável da cidade capitalista.”

É por esta perspectiva e entendimento que buscamos compreender o processo histórico da produção do espaço urbano da cidade de Filadélfia-BA, estabelecendo relações de análises e reflexões por meio da geografia histórica, que marca o contexto temporal no período entre 1985 a 2022 (Data da emancipação política ao atual quadro histórico pautado por lei).

Para nos situarmos nas características geográficas específicas do município, a cidade de Filadélfia-BA está localizada no Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município possui uma área de unidade territorial de 579,686 km² no ano de 2020 e está localizado a aproximadamente 360 km de Salvador, capital do estado. O município faz parte da mesorregião do Centro Norte Baiano e da microrregião de Senhor do Bonfim, faz limite com os municípios de Ponto Novo, Antônio Gonçalves, Itiúba, Pindobaçu e Senhor do Bonfim e está localizada entre as Coordenadas Geográficas Latitude: - 10.7405 e Longitude: - 40.1437 respectivamente 10° 44' 16" Sul e 40° 07' 03" Oeste.

Figura 1 - Mapa do Brasil, com destaque para região Nordeste (NE) para o estado da Bahia (BA), do município da área de estudo.



No último censo realizado pelo IBGE em 2010, a população era de 16.740 pessoas, sendo 8.437 do sexo masculino e 8.303 do sexo feminino. A população do município é majoritariamente urbana (9.022) representando cerca de 54% do total enquanto a rural (7.718 pessoas) corresponde a aproximadamente 46% do total, conforme mostra a tabela 1. A população estimada pelo IBGE em 2021 é de apenas 16.314 habitantes, o que representa uma redução de aproximadamente 2,5% em relação ao último censo.

Tabela 1 – População residente e estimada do município de Filadélfia.

Município	População residente	População residente	População estimada	Urbana	Rural	Área total	Densidade demográfica
	2000	2010	2021	2010	2010	Km ²	Hab./Km ²
Filadélfia	17.194	16.740	16.314	9.022	7.718	579,686 km ²	29,36hab/km ²

Fonte: IBGE (2010; 2020 e 2021) organizado pelo autor (2022)

Em relação aos domicílios recenseados pelo IBGE (2010) em Filadélfia o número de domicílios foi de 5.986, sendo 5.986 domicílios particulares e destes 4797 domicílios ocupados e 1.188 não ocupados, devido principalmente a especulação imobiliária. Esses agentes por sua vez compram e/ou constroem edificações com objetivo de obter lucro através do aluguel. Em alguns casos essas casas ou prédios comerciais ficam sem uso por algum tempo, devido à pouca procura. Domicílios ocupados com entrevista realizada 4.789 e 8 sem entrevista realizada. Domicílios particular com uso ocasional 483, vagos 705, coletivos 1 e coletivos sem morador 1.

Tabela 2 – Domicílios recenseados pelo IBGE.

Município	Total	Particular	Particular	Particular ¹	Particular ²	Particular	Particular	Coletivo	Coletivo	Coletivo
			Ocupado	Ocupado com entrevista realizada	Ocupado sem entrevista realizada	Uso ocasional	Vago		com morador	sem morador
Filadélfia	5.986	5.986	4.797	4.789	8	483	705	1	0	1

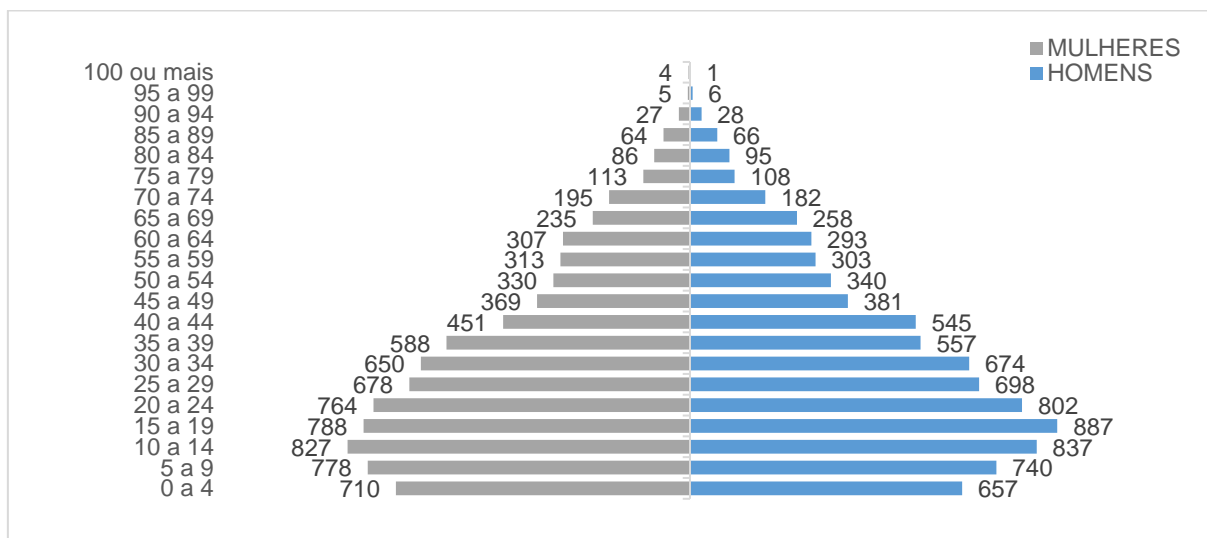
Fonte: IBGE (2010) organizado pelo autor (2022).

O município ainda apresenta 9% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 79,2% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 4,8% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio). Ainda sobre os domicílios recenseados pelo IBGE (2010) comparado com os outros municípios do estado, fica na posição 297 de 417, 112 de 417 206 de 417, respectivamente. Já quando comparado a outras cidades do Brasil, sua posição é 4451 de 5570, 2463 de 5570 e 3516 de 5570, respectivamente.

No que tange ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), no ano de 2010 o município de Filadélfia obteve a nota de 0,565, valor que foi duplicado se comparado ao IDH do município no ano de 1991, representando assim um avanço significativo. Nessa perspectiva, dentre os municípios que fazem parte do Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru, o município ocupou a 9ª posição, respectivamente.

A distribuição da população por sexo, de acordo com o grupo de idade em Filadélfia mostra que apesar da base da pirâmide etária ser relativamente larga, a taxa de natalidade e de fertilidade está em regresso o que confirma uma estimativa negativa do crescimento populacional para o ano de 2021 pelo IBGE para o município. O meio da pirâmide comparado a base é estreito. Já o topo é bem estreito, mostrando que a expectativa de vida é muito baixa, conforme mostra (Figura 2) abaixo. No que se refere à distribuição por gênero, em 2010, Filadélfia apresentava número superior de homens em relação ao número de mulheres, respectivamente 8.437 do sexo masculino e 8.303 do sexo feminino.

Figura 2 - Pirâmide Etária de Filadélfia - BA, 2010.

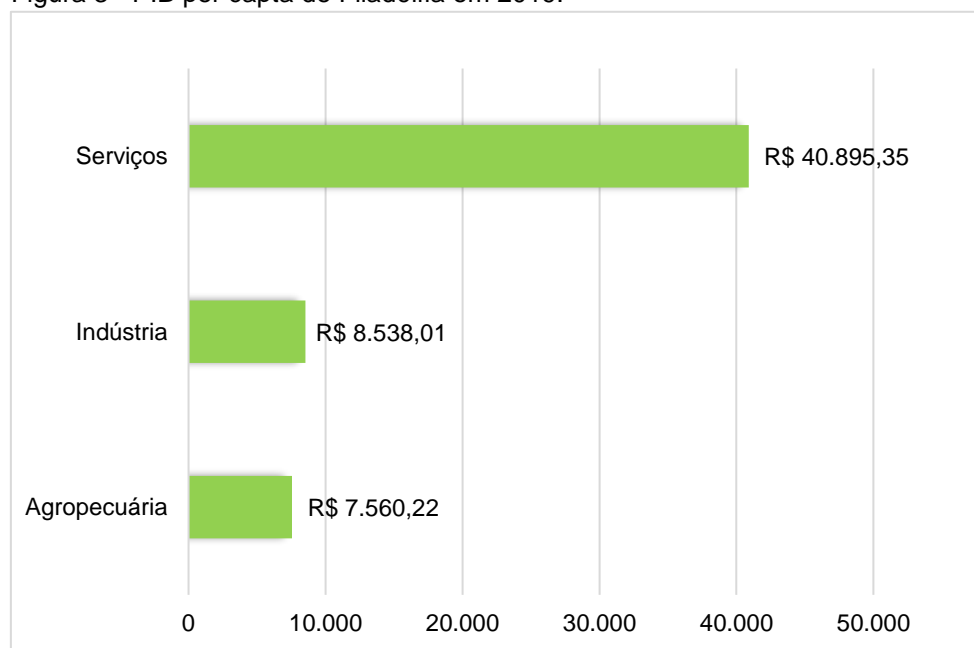


Fonte: IBGE (2010) organizado pelo autor (2022).

De acordo com a pirâmide acima do município de Filadélfia a população de 0 a 4 anos é de 657 homens (4%) da população total e de mulheres é de 710 (4,4%) da população total. De 5 a 9 anos é de 740 homens (4,5%) e de mulheres 778 (4,8%), de 10 a 14 anos 837 homens (5,1%) e de mulheres 882 (5,4%), de 15 a 19 anos é de 887 homens (5,4%) e de mulheres 827 (5,1%), de 20 a 24 anos 802 homens (4,9%) e de mulheres 764 (4,7%), de 25 a 29 anos 698 homens (4,3%) e de mulheres 678 (4,2%), de 30 a 34 anos é de 674 homens (4,1%) e de mulheres 650 (4,0%), de 35 a 39 anos é de 557 homens (3,4%) e de mulheres 588 (3,6%), de 40 a 44 anos é de 545 homens (3,3%) e de mulheres 451 (2,8%), de 45 a 49 anos é de 381 (2,3%) e de mulheres 369 (2,3%), de 50 a 54 anos é de 340 homens (2,1%) e de mulheres 330 (2,0%), de 55 a 59 anos é de 303 homens (1,9%) e de mulheres 313 (1,9%), de 60 a 64 anos é de 293 homens (1,8%) e de mulheres 307 (1,9%), de 65 a 69 anos é de 258 homens (1,6%) e de mulheres 235 (1,4%), de 70 a 74 anos é de 182 homens (1,1%) e de mulheres 195 (1,2%), de 75 a 79 anos é de 108 homens (0,7%) e de 113 mulheres (0,7%), de 80 a 84 anos é de 95 homens (0,6%) e de mulheres 86 (0,5%), de 85 a 89 anos é de 66 homens (0,4%) e de mulheres 64 (0,4%), de 90 a 94 anos é de 28 homens (0,2%) e de mulheres 27 (0,2%), de 95 a 99 anos 6 homens (0,%) e de mulheres 5 (0%) e mais de 100 anos é de 1 homens (0%) e de mulheres 4 (0%).

O PIB – Produto Interno Bruto de Filadélfia é fortemente representado pelo setor de serviços conforme é possível ver na figura 3:

Figura 3 - PIB per capita de Filadélfia em 2019.



Fonte: IBGE (2019), organizado pelo autor, (2022).

Como vimos no gráfico acima o PIB de Filadélfia é fortemente representado pelo setor de serviços, seguido pela indústria e agropecuária. Verifica-se que as atividades de serviços têm um papel fundamental nas transformações e transações econômicas do município. Além disso, percebemos que esse setor atende as necessidades finais de consumo da sociedade.

De acordo com Klafke e Baldoni (2014), “os serviços são capazes de criar riquezas e modelar uma nova composição do espaço geográfico, além de contribuir para as mudanças econômicas, tecnológicas, sociais e cultural”. As atividades de serviços no município de Filadélfia é um importante mecanismo para compreendermos a dinâmica das transformações do espaço urbano.

O setor de serviços tem se apresentado como a principal fonte de emprego do município, podemos destacar também a arrecadação de impostos desse setor. Dessa forma, o setor em questão acaba sendo um importante agente para a economia e desenvolvimento do município.

O PIB do município de Filadélfia, comparado a outros municípios do estado, ocupava as posições 89 de 417 e 294 de 417, respectivamente. Já na comparação com cidades do país, ficava na posição 2034 de 5570 e 4723 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 54,7% da população nessas condições, o que colocava o município na posição 93 de 417 dentre as cidades do estado e na posição 523 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

Em relação a pecuária, segundo dados do IBGE, o município de Filadélfia possui rebanho de bovinos com 14.458 cabeças, asininos 139 cabeças, 1 avestruz, 1.253 cabeças de caprinos, equinos 826 cabeças, galináceos (galinhas, galos, frangos e pintos) 21.000 cabeças, muares 71 cabeças, ovinos com 3.761 cabeças, patos, gansos, marrecos, perdizes e faisões 191 cabeças e suínos com 911 cabeças.

De acordo com o setor responsável pela Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (ADAB) no município de Filadélfia, desses 14.458 cabeças de bovinos, em sua maioria pertencem a pequenos produtores rurais do município. Ainda de acordo com o setor responsável pela ADAB, isso ocorre devido as políticas públicas voltadas para a agricultura familiar do município. Uma dessas políticas é o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), que apoia diversos segmentos voltados para atividades agropecuárias. Essa atividade assim como outras tem fomentado a economia do município de Filadélfia de forma significativa.

Em relação à lavoura permanente os principais produtos produzidos no município e respectivos pesos são: Banana - 254 toneladas, Coco-da-baía – 3 mil frutos, Laranja – 12.000 toneladas, Limão – 127 toneladas, Mamão – 1.050 toneladas, Maracujá – 174 toneladas. Quanto a lavoura temporária os principais produtos são: Feijão com 37 toneladas, Mamonas 8 toneladas, Mandioca (aipim e macaxeira) 241 toneladas, Melancia 136 toneladas, milho 115 toneladas milho forrageiro 214 toneladas e palma forrageira com 1597 toneladas. Em relação à extração vegetal os principais produtos são: umbu 2 toneladas, madeira para lenha 576 m³ e licuri com 4 toneladas.

É importante mencionar que tanto as culturas permanentes quanto as culturas temporárias ou sazonais advêm principalmente da agricultura familiar. Algumas dessas culturas são cultivadas em todo território filadelfense e outras em localidades específicas como é o caso da banana, licuri (*Syagrus coronata*) e a mandioca. A produção da banana está concentrada nos povoados de Várzea Formosa e Sítio do Meio, que tem sua localização às margens do Rio do Aipim, neste município. Os produtores captam água do rio para irrigar sua lavoura. De acordo com dados da Secretaria Municipal de Agricultura e do setor responsável pela agricultura familiar, grande parte da produção da banana é comercializada dentro do município e uma pequena quantidade é comercializada em feiras das cidades vizinhas, Ponto novo, Itiúba.

Assim como a banana, a produção de mandioca do município, em sua maioria é produzida por pequenos agricultores (agricultura familiar) e estão concentradas nos povoados de: Riacho do Mulungu, Maçaroca, Carrapato e riacho das Pedrinhas.

O licuri representa uma importante fonte de renda para pequenos agricultores do município de Filadélfia. Algumas comunidades se destacam na colheita do fruto, como é o caso de Periquito, Várzea da Serra, Papagaio, Mulungu e Poço d'água e grande parte da produção é comercializada internamente. Essa cultura no município de Filadélfia ainda é explorada de forma extrativista (pequenos produtores rurais captam o fruto em áreas da caatinga do município).

Segundo Ramalho (2006),

O licuri (*Syagrus coronata*) é uma palmeira bem adaptada às regiões secas e áridas da caatinga e possui grande potencial alimentício, ornamental e forrageiro, sendo o seu manejo de grande importância para essas regiões visto que as mesmas apresentam limitações para a agricultura. No entanto,

essa cultura ainda é explorada de forma extrativista. (RAMALHO, 2006, p. 01)

No município de Filadélfia não é diferente, pois percebe-se o grande potencial alimentício do licuri na região, principalmente no mês de abril (semana santa), quando grande parte da sociedade usa o fruto para preparar diferentes pratos que são usados nessa época. Além disso, pequenos produtores rurais usam o fruto para a alimentação de porcos e galinhas.

Tanto a melancia quanto o milho são culturas cultivadas praticamente em todo território do município de Filadélfia e tem como principal produtor os pequenos produtores rurais (agricultura familiar). A produção dessas culturas é comercializada dentro do município. Segundo o presidente da Associação dos Pequenos Agricultores do Município (2022), grande parte da produção do milho é destinada para a alimentação animal e uma pequena parcela é destinada para o consumo humano.

Como vimos acima, o setor de serviços, a agropecuária e a indústria têm papel fundamental nas transações econômicas do município de Filadélfia. É válido lembrar também a importância do programa social “Auxílio Brasil” para a economia do município. Esse por sua vez, de acordo com dados da Secretaria de Assistência Social (2022), no mês de fevereiro do corrente ano, foram injetados na economia do município 1.705,292 reais e um total de 4.100 famílias beneficiadas.

Portanto, esse trabalho tem como principal objetivo realizar uma análise do espaço urbano de Filadélfia-BA a partir do recorte espacial de 1985 a 2022. Buscamos entender a (re) produção das desigualdades socioespaciais que ocorreu no início da estrutura organizacional da cidade. Apesar de estudar o espaço urbano, isso não nos impedirá de também fazer reflexões sobre o meio rural e mesmo a expansão das relações urbanas para o meio rural.

Para nortear as investigações utilizou-se da perspectiva da geografia histórica como recurso metodológico, que nos possibilitou desvendar as contradições, os agentes e os sujeitos do processo de formação da cidade de Filadélfia amparados pelas categorias: Espaço e Lugar. Ressaltamos que iremos adotar a geografia histórica, não necessariamente como um campo disciplinar, mas como uma mediação que vai nos permitir fazer uma investigação que permeiam vários campos disciplinares da geografia como: a Geografia Urbana, Econômica, Política e Agrária.

Como metodologia de pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico, buscando em obras de autores que tratam acerca desta temática; levantamento de

dados em sites governamentais. É importante mencionar em nossa pesquisa que dentre os documentos históricos (Código tributário, Lei Orgânica Municipal, Diário Oficial do Estado, 13 de maio de 2009, Lei nº 4.960, de 23 de maio de 1979, que criava o município de Filadélfia, Lei 4.451 de 09 de maio de 1985, desmembrando da cidade de Pindobaçu) fotografias e relatos históricos, destacam-se aqueles que tratam de forma significativa a formação do município em questão e de sua emancipação política, até informações estatísticas, sites de jornais local, dentre outros.

Desenvolvemos ainda pesquisa de campo com a realização de levantamentos fotográficos e estudo *in loco*, foram concedidas entrevistas semiestruturadas com os moradores da cidade, entre eles, antigos moradores, atual prefeito e ex-prefeito, secretários das diversas áreas da administração municipal (Secretaria de agricultura, Secretaria de Assistência Social, Secretaria de Educação), conversamos ainda com a assessoria da prefeitura e da câmara municipal de vereadores que nos cedeu documentos importantes para esta pesquisa.

A escolha da temática se deu pela curiosidade em conhecer profundamente a história da cidade onde nasci, percebe-se que grande parte da população desconhece como se deu a formação do espaço urbano de Filadélfia. Outro fator importante para escolher a temática em questão, é produzir um material didático que servirá para outros alunos que queiram dar continuidade a historicidade do município.

É interessante ressaltar também que trabalhos como este devem ser popularizados, pois, apesar de ser bastante relevante, pesquisas como estas são escassas no Brasil, especialmente, em cidades pequenas. Por esse motivo entendemos que esse trabalho é de fundamental importância para a sociedade e para a geografia baiana.

Diante disso, foi possível levantar alguns questionamentos que irão nos dar embasamento para a elaboração desse trabalho, como: Como se deu o processo de emancipação política do Município de Filadélfia? Quais as principais transformações no espaço urbano? De que forma se deu tais transformações? Quais os principais processos e formas? Quais foram os principais agentes e sujeitos produtores do espaço?

Este trabalho tem uma abordagem qualitativa com uso de fotografias, revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e estudo de campo. Foi anteposto fotografias para poder visualizar a paisagem mais nitidamente nos anos anteriores, para assim compará-las com dias atuais.

Sendo que o estudo de campo foi realizado entre 05 a 11 de janeiro de 2022 em pontos selecionados, nos quais foram o centro e periferia da cidade. Podendo analisar o espaço urbano, componentes que compõem o mesmo, modificações e organização.

A finalidade da realização de entrevista com moradores antigos visou buscar um conhecimento pretérito dos locais selecionados, haja vista que se trata de um município novo, tendo poucas informações históricas documentadas. Foi realizado uma busca por documentos de fontes seguras para embasamento teórico.

Reportar a pesquisa bibliográfica por acreditar que se constitui em um procedimento metodológico de pesquisa que possibilita uma maior compreensão do tema proposto e conseqüentemente a ampliação do conhecimento sobre o objeto de estudo aqui presente.

Esta monografia está estruturada em seis seções: a primeira seção é esta introdução, a segunda traz uma compreensão sobre as formas de explicar o espaço geográfico da cidade de Filadélfia a partir de análises da geografia histórica do município, tendo como subseção a exposição dos documentos que contribuíram para análise histórica do município. Na terceira há um debate acerca das bases de formação territorial do município de Filadélfia-BA desde 1985 a 2022. Na quarta é mostrado o contexto do centro da cidade, tendo em vista o processo de sobrevalorização do espaço. No quinto capítulo apresenta-se as modificações ocorrentes na cidade por meio de fotografias em anos do início do município e registros fotográficos mais atuais. A sexta e última seção é composta pelas conclusões na qual reafirmamos o que foi desenvolvido durante toda a pesquisa.

2.PERSPECTIVAS DA GEOGRAFIA HISTÓRICA DA CIDADE DE FILADÉLFIA-BA COMO PROCEDIMENTO DE COMPREENSÃO DO REAL

Para realização desse trabalho, nesse capítulo iremos discorrer sobre as reflexões a perspectiva da geografia histórica e de procedimentos analíticos para a compreensão geográfica. Além disso, iremos procurar compreender a história como totalidade e não a partir de cortes epistemológicos. Lima (2015) assevera que, “compreender a história como totalidade não significa entendê-la como um macro objeto, nem dizer que estamos estudando tudo o que acontece ou o conhecimento de todo o existente; isso seria humanamente impossível”.

Diante disso, nosso entendimento de totalidade está ligado à visão de compreendermos a dinâmica do real, seus processos e mediações, a partir das relações do todo e as partes, ou seja, não podemos entender a totalidade como uma invenção da mente dos pesquisadores, ela existe em si. Conforme Lukács (2012)

A totalidade não é, nesse caso, um fato formal do pensamento, mas constitui a reprodução ideal do realmente existente; as categorias não são elementos de uma arquitetura hierárquica e sistemática, mas, ao contrário, são na realidade “formas de ser, determinações da existência”, elementos estruturais de complexos relativamente totais, reais, dinâmicos, cujas inter-relações dinâmicas dão lugar a complexos cada vez mais abrangentes, em sentido tanto extensivo quanto intensivo. (...). (LUKÁCS, p.296-297).

Nessa perspectiva, este trabalho parte da ideia de que o movimento da história com seus processos e mediações são formados pela continuidade e rupturas, assumindo, desse modo, o método histórico, papel fundamental para o entendimento da história do território de Filadélfia.

Confirmando nosso pensamento, Moraes (2008), afirma que:

Parte-se do entendimento da geografia humana como ciência social que tem por objeto o processo universal de apropriação do espaço natural e de construção de um espaço social pelas diferentes sociedades ao longo da história. Defende-se que tal processo é passível de ser identificado num corte ontológico do real, isto é, manifesta-se na realidade com determinações específicas ímpares, atuando como elemento particularizador, em si uma mediação na análise dos fenômenos históricos. Sendo tal processo resultante exclusivo do trabalho humano, e apreendendo o trabalho como ato teleológico de incorporação e criação de valor, acata-se que a formulação categorial mais precisa e genérica para expressá-lo deva ser a valorização do espaço. (MORAES, 2008, p. 41).

Sendo assim, entendemos que a produção do espaço está estritamente ligada aos interesses e às relações sociais. De acordo com Moraes (2008), “O espaço produzido só é explicável em função do processo que o engendrou, e a forma criada só se revela pelo seu uso social a cada momento, este é que lhe atribui um conteúdo ao qualifica-lo como um valor de uso”. Ainda, de acordo com esse autor,

[...] a valorização do espaço pode ser apreendida como processo historicamente identificado de formação de um território. Este envolve a relação de uma sociedade específica com um espaço localizado, num intercâmbio contínuo que humaniza essa localidade, materializando as formas de sociabilidade reinante numa paisagem e numa estrutura territorial. O valor fixado vai tornando-se uma qualidade do lugar, o quadro corográfico sendo cada vez mais o resultado das ações sociais aí desenvolvidas, obras humanas que subvertem as características naturais originais. Construções e destruições realizadas passam a fazer parte desse espaço, qualificando-o para as apropriações futuras. A constituição de um território é, assim, um processo cumulativo, a cada momento um resultado e uma possibilidade – um contínuo em movimento. Enfim, um modo parcial de ler a história. (MORAES,2008, p.44-45, p. 49).

Quanto a geografia histórica, essa contribuiu e ofereceu subsídios técnicos e relevante para essa pesquisa. Ratificando nosso pensamento, Silva (2007) apud Lima e Amora (2012) assere que,

a Geografia Histórica oferece subsídios técnicos e conceituais relativas à: pesquisa de documentos históricos, nomeadamente arquivos e mapas; registros territoriais; nomes de lugares; dados estatísticos; fontes literárias e outros, além dos instrumentos para a análise crítica das informações. (SILVA, 2007, p.77, apud LIMA E AMORA, 2012, pág. 08).

Segundo Pires (2008), apud Lima e Amora (2012) o surgimento da Geografia histórica foi influenciado pelo historicismo da primeira metade do século XX, sinal da crítica ao ambientalismo apregoado na Geografia. Ainda de acordo com Pires (2008), apud Lima e Amora (2012), a geografia histórica foi fundada por Auguste Longnon geógrafo e historiador, que foi responsável, no Collège de France, pela disciplina Geografia Histórica de 1892 até 1911.

Em se tratando da definição da geografia histórica, Ferro (1986, p.46), apud Lima e Amora (2012) afirma que autores como Baldacci definiam a geografia histórica como—a disciplina que estuda os fenômenos físicos e antrópicos decorridos no passado histórico.

De acordo com Moraes (2007), apud Lima e Amora (2012)

Geografia e História são dois campos de conhecimento afins, entretanto, por muito tempo percorreram caminhos diferentes na explicação da realidade. Por influências kantianas na divisão do conhecimento coube à Geografia, ciência empírica, estudar o presente e à História, estudar o passado. (MORAES (2007), apud LIMA E AMORA 2012, P. 55).

Para Lima e Amora (2012),

Esta forma de analisar separadamente a relação espaço-tempo em nossa opinião foi prejudicial ao entendimento das mediações e particularidades que existem para além da aparência do real. Por isso, nossa proposta é resgatar a história como elemento fundante da análise geográfica. Mas alguns cuidados devem ser tomados na adoção da perspectiva histórica para os estudos geográficos afim de evitarmos um estudo pretensamente de cunho historiográfico e com pouca ênfase na Geografia. (LIMA E AMORA (2012), p. 55)

Diante do exposto concordamos com os autores supracitados, a geografia e história são dois campos da ciência que precisam andar de mãos dadas. A geografia com um olhar nas transformações do espaço e suas representações e a história nos traz um recorte do tempo, sem esquecer dos acontecimentos, consequências e os agentes transformadores.

De acordo com Guelke (1982) apud Carneiro (2018) não há base lógica para diferenciar geografia da história. Ainda de acordo com este autor, apud Carneiro (2018),

Embora os historiadores, na época em que escreveu o ensaio, estivessem preocupados com questões políticas e sociais – entendimento de períodos – e os geógrafos com a ocupação humana e o uso da terra – compreensão de lugares -, essas diferenças não teriam importância filosófica. Geografia e história estão enraizadas na base material da existência humana: elas são análogas, complementares e interdependentes campos de estudo. (GUELKE (1982), apud CARNEIRO (2018), p. 2).

Segundo Lima e Amora (2012):

A análise que integra a perspectiva de interpretação geográfica apoiada na História vem ganhando muitos adeptos na Geografia. Podemos ressaltar autores importantes em escala internacional como Harvey (2005) e sua perspectiva da Geografia Histórica da espacialização desigual do capitalismo, o estudo realizado por Ferro (1986) sobre os temas e problemas da Geografia histórica, o estudo de Perla Zusman (1996) sobre as Sociedades geográficas na promoção dos saberes nos territórios do Brasil e da Argentina, dentre outros. Na Geografia brasileira destacamos alguns estudiosos como Santos (2002), Maurício de Abreu (1998; 2003) – e sua vasta obra elaborada -, Vasconcelos (1999) - com suas questões metodológicas na Geografia urbana histórica -, Moraes (1989; 2000; 2008), dentre uma infinidade de outros estudiosos. (LIMA e AMORA, 2012, p.52).

Ainda de acordo com os autores supracitados,

A obra destes autores é de valia incomensurável, visto que permite a compreensão do espaço como o acúmulo de tempos e, sobretudo, traz contribuições metodológicas de apreendermos o território em sua historicidade com destaque a análise de fontes documentais primárias, da utilização da história oral etc. Isto nos proporciona a possibilidade de entender as mediações e os processos, identificar os sujeitos históricos da produção do espaço no passado e compreender como estes ainda influenciam no espaço do presente. Nesse sentido, traçamos um breve debate teórico-conceitual acerca das geografias do passado, ressaltando a possibilidade de utilização da História enquanto método e processo para a análise e interpretação geográfica. (LIMA e AMORA, 2012, p.52).

Diante disso, frisamos a importância dos autores mencionados acima, pois sem a contribuição dos mesmos não conseguiríamos entender as mediações e processos, identificar os agentes e sujeitos históricos e atuais da produção do espaço no passado e compreender como estes ainda influenciam no espaço na atualidade.

2.1. DOCUMENTOS DAS FONTES HISTÓRICAS COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA.

Para a materialização do estudo em questão, que tem como pilar documentos primários (pesquisas historiográficas) e secundários (pesquisas bibliográficas), não foi fácil devido à escassez de documentos históricos sobre Filadélfia-BA que indicam o seu engajamento no processo do planejamento urbano, por limitação da pandemia, por falta de documentos históricos na cidade, não foi possível viajar para outros municípios e até mesmo para a capital Baiana para conseguir documentos importantes para a construção do trabalho. Diante disso, a história oral enquanto procedimento metodológico foi de fundamental importância para desvendar alguns questionamentos, sujeitos e acontecimentos. Tomando essa direção, entendemos que as conversas e entrevistas com moradores, prefeitos, vereadores, secretários foram de grande valia para entendermos como se deu a evolução do espaço urbano de Filadélfia.

Com relação aos documentos, Massimi (1984, p.21-) apud Gonçalves (2021) aponta que:

O documento representa já uma interpretação de fatos reais elaborada por seu autor e, portanto, não deve ser encarado como uma descrição objetiva e neutra dos fatos. Por outro lado, o valor heurístico e a significação do documento dependem também da acuidade da leitura e do esforço interpretativo do historiador. Este sabe extrair de uma fonte de informações algum conhecimento útil para a compreensão de um aspecto da história humana, sob o ângulo que corresponde ao seu objeto de interesse. (MASSIMI (1984, p.21-) idem GONÇALVES 2021. P. 19).

A citação acima retrata da importância de saber analisar e interpretar documentos históricos. Diante disso, entendemos que a análise e interpretação de documentos históricos foi de grande valia para a construção desse documento de conclusão de curso.

2.2 A HISTÓRIA ORAL COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO E DOCUMENTAL.

Ciavatta (2009) “A entrevista adquire o caráter de documento, não como ciência factual, mas como história oral, uma versão do passado na palavra do entrevistado e na interpretação do pesquisador”.

História oral é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. Neste último caso, busca-se uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período de tempo. (QUEIROZ, 1986, p. 6, apud LIMA E AMORA, 2012, pág. 116).

Segundo Lima e Amora (2012) importante cuidado nesta etapa deve ser o de sempre situar o posicionamento, ou seja, a visão de mundo do entrevistado e do entrevistador e saber articulá-la com o real, tendo o cuidado de não cair numa leitura restrita a subjetividades.

Ciavata (2009, p. 108) apud Lima e Amora (2012), adverte:

Como toda história, o depoimento, a história de vida e sua interpretação estão sujeitas às concepções teóricas do pesquisador, à sua visão do homem e à sua relação com a sociedade. A concepção do real como uma totalidade que envolve múltiplas determinações orienta-nos para a importância de contextualizar as entrevistas quanto ao momento de sua realização, à relação entre pesquisador e sujeito pesquisado e ao próprio conteúdo das informações fornecidas pelo entrevistado. (CIAVATTA 2009, p. 108, apud LIMA E AMORA, 2012, P. 116).

Prosseguindo sua análise, Ciavatta (2009, p. 109) apud Lima e Amora (2012) salienta que a “história de vida, o relato oral, o depoimento são, pois, variações da mesma técnica, que têm como base a entrevista, a forma mais antiga e mais divulgada de coleta de dados orais nas ciências sociais. Seu uso depende do objetivo em vista”.

De acordo com Lima e Amora (2012) o fato de a história oral não ser objetiva não significa que ela não seja utilizável, visto que nem mesmo os inventários, as descrições minuciosas o são por completo.

É importante ressaltar que o ato de interpretar é essencial no presente estudo, pois, segundo Lima e Amora (2010) visto que, se entende que a história não é algo factual e que o pesquisador não é um mero relator dos acontecimentos históricos e tampouco um ser neutro na pesquisa.

De acordo com Lima e Amora (2012) uma utilização coerente da história oral ou das demais fontes orais, podem proporcionar o desvendar de muitos acontecimentos e de sujeitos que a história oficial e os dados estatísticos não oferecem.

Neste sentido assevera Ciavatta, apud Lima e Aurora 2010:

Outro ponto deve ser mencionado, sobre o trabalho de coleta de análise dos relatos. O sentido que, por vezes, se tem dado à história oral é o de criar possibilidades de produção de documentos para confronto com a documentação oficial, tida como impregnada de ideologia dominante. Os produtos da história oral seriam documentos nos quais a palavra é concedida àqueles que não tiveram oportunidades de registrar suas versões sobre os acontecimentos. (CIAVATTA, 2009; p.111, apud LIMA E AMORA 2010).

Segundo Lima e Amora (2010) esse procedimento assume, assim, papel importante não apenas como fonte histórica, mas também para desmascarar e desmistificar alguns dados que são tidos como verdade absoluta.

2.3 AS FOTOGRAFIAS E SEU PAPEL NA COMPREENSÃO DAS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS.

Quanto as fotografias, essas assumem neste estudo, o papel de mediações históricas na construção do real. Segundo Lima e Aurora (2010), as fotografias têm o papel importante na captura de imagens do real, que podem ficar guardadas e cristalizadas por muito tempo. Os autores continuam e afirmam que dependendo do olhar que se lance sobre a fotografia, muitas informações podem ser reveladas ou mascaradas.

Ciavatta (2009) apud Lima e Amora (2010)

assegura que: Assim nos encontramos no cerne de uma discussão aberta, que é o conceito de fotografia como fonte histórica e os aspectos teóricos correlatos: a crença na fotografia como imagem fidedigna, o realismo na fotografia, a sedução do prazer da visão, a informação e a desinformação trazidas pela ambiguidade de sentidos que envolvem o objeto fotográfico, a subjetividade e a objetividade que a fotografia carrega, o problema do olhar, da interpretação, que é buscar desvendar a natureza do documento fotográfico. (CIAVATTA (2009) P.115-116, apud LIMA e AMORA p. 9).

De acordo com Lima e Amora (2010),

para algumas interpretações, a fotografia seria a imagem fidedigna do real, cabendo algumas ressalvas sobre a retratação objetiva e fiel da realidade sobre essa interpretação, visto que a fotografia não é indissociável da ideologia, das técnicas e do período ao qual pertence, além de nela estar contidas a subjetividade e a intencionalidade de quem está fotografando. (LIMA e AMORA 2010, p.9).

Contribuindo com a citação anterior, Mauad (1996), assinala que,

A fotografia surgiu na década de 1830 como resultado da feliz conjugação do engenho, da técnica e da oportunidade. Niépce e Daguerre - dois nomes que se ligaram por interesses comuns, mas com objetivos diversos - são exemplos claros desta união. Enquanto o primeiro preocupava-se com os meios técnicos de fixar a imagem num suporte concreto, resultado das pesquisas ligadas à litogravura, o segundo almejava o controle que a ilusão da imagem poderia oferecer em termos de entretenimento (afinal de contas, ele era um homem do ramo das diversões) (MAUAD 1996, p. 2).

No que concerne a fotografia e ainda segundo a autora,

A fotografia é uma fonte histórica que demanda por parte do historiador um novo tipo de crítica. O testemunho é válido, não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida. No entanto, parafraseando Jacques Le Goff, há que se considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento. No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado - condições de vida, moda, infra-estrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo (MAUAD 1996, p.8).

A citação permite-nos entender a importância de analisar a realidade por meio da fotografia. Diante disso, concordamos com Gonçalves (2021) ao afirmar que a fotografia aparece como um elemento capaz de auxiliar na compreensão de um momento da paisagem, a qual em sua essência é um instrumento.

As fotografias antigas, assim como as recentes que utilizamos neste estudo, foram essenciais na reconstituição das paisagens e das relações que são estabelecidas em Filadélfia no passado, que contribuíram para compreender como se deu as transformações no espaço daquele município.

As imagens do passado da nossa cidade são pedaços do tempo, retido pela sensibilidade de fotógrafos, que aqui viveram ou passaram por nossa cidade. O passeio no ontem, através das estáticas fotografias, nos dá a nítida impressão que percorremos os caminhos do tempo. (NELSON NOBRE MAGALHÃES, 2000c).

Como diz Manguel (2001), por meio delas procuramos abarcar e compreender a sua própria existência, pois as estampas que formam nosso mundo são símbolos, sinais mensagens e alegrias que se desdobram em uma linguagem traduzidas por palavras. Como forma de exemplificar e refletir, no capítulo 5 resgato registros de algumas edificações públicas, religiosa e particulares que sofrem transformações ao longo do tempo.

3. FORMAÇÃO TERRITORIAL DE FILADÉLFIA-BAHIA E SUAS RECENTES TRANSFORMAÇÕES

Antes de nos debruçarmos nas recentes transformações do município de Filadélfia, é importante entendermos a noção do conceito de território que adotamos. Moraes (2008, p. 45), nos assegura que “esse conceito é impossível de ser formulado sem o recurso a um grupo social que ocupa e explora aquele espaço, o território nesse sentido inexistindo enquanto realidade apenas natural [...]”.

Diante disso, o conceito de território reassume os traços político do espaço, onde podemos enxergar plenamente as relações de poder e as diferentes formas de uso do espaço. Sendo assim, assumimos, a noção de território pautado na concepção de Moraes (2000, p. 21), sendo o território “antes de tudo uma escala da sociedade e da relação sociedade/espaço, isto é, um recorte analítico que objetiva uma visão angular específica da história”.

Segundo Girandi (2014), “toda relação de poder desempenhada por um sujeito no espaço produz um território e esse sujeito é chamado de sujeito territorial”.

Ainda sobre o conceito de território, Souza (2003, p. 78) afirma que “O território é essencialmente um espaço definido e delimitado por e a partir das relações de poder”. No decorrer do texto podemos perceber vários espaços definido e delimitado pelas relações de poder, como empresas, escolas, bairros dentre outros.

Já para Santos (1994) o território pode funcionar de acordo com suas horizontalidades (ou seja, lugares vizinhos reunidos por uma continuidade territorial) e verticalidades (formados por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais).

Analisar o espaço urbano implica em entender que o processo de sua produção revela a indissociabilidade entre espaço e sociedade, na medida em que as relações sociais se materializam em um território, significando dizer que, ao produzir sua vida, a sociedade produz e reproduz um espaço enquanto prática afirma (CARLOS, 2004).

De acordo com a autora, que tem como base o pensamento de Henri Lefebvre, produção refere-se à produção do homem, às condições de vida da comunidade em seus múltiplos aspectos, ou seja, o entendimento de produção deve estar articulado aquela de reprodução das relações sociais num determinado tempo e espaço.

Sabendo que a produção do espaço geográfico é uma construção da interação das relações sociedade versus natureza em sua historicidade, visto que, a configuração atual é resultado da ação da sociedade ao longo do tempo.

Para Lefebvre (2001, p.46), {...} “a cidade é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas”. Dessa forma, entendemos que as aglomerações formam as cidades e se dá diante da necessidade que o homem tem de produção e reprodução de suas vidas. Ao longo de sua existência o ser humano promoveu grandes transformações no espaço geográfico, seja por habitá-lo, explorar recursos naturais e/ou até mesmo para satisfazer suas necessidades mais urgentes, como caçar, pescar, plantar, dentre outros.

Filadélfia surge neste contexto, segundo dados da prefeitura municipal (PMF) e IBGE (2010), o território “foi primitivamente habitado pelos índios cariris” (por falta de documentos, como citado anteriormente, não foi possível fazer uma reflexão e/ou debate sobre a territorialidade indígena que existiu no tempo passado). Ao longo de sua história Filadélfia já recebeu vários nomes. De acordo com o BGE (2010), Inicialmente foi denominada de Várzea do Curral, quando ainda pertencia ao município de Campo Formoso devido ao fato de possuir várias várzeas e currais do pioneiro e histórico fazendeiro Alvinho Pereira Maia, conhecido por sua bondade, logo depois passou a chamar-se de Pega Nego, já quando era distrito de Pindobaçu, nome que teve origem devido a uma velha briga do então importante fazendeiro da então Filadélfia com um homem negro que morava na localidade vizinha denominada “Lagarto” (Distrito da cidade de Senhor do Bonfim-BA. O pequeno arraial foi crescendo e aos poucos se transformando em povoado, por meio de um projeto do vereador Eudaldo Ferreira Mota, passando a chamar-se Filadélfia.

Ainda de acordo com dados da prefeitura, em 1951 elegeu o primeiro vereador da localidade que ainda se integrava ao município de Pindobaçu-BA, posteriormente elegendo muitos outros nomes. Ratificando essa assertiva, o entrevistado 1, de 80 anos de idade, disse: “o primeiro vereador de Pega Nego foi Zé Passos, em 51”. Aos poucos Filadélfia começa a criar sua própria identidade, tornava-se um grande centro de produção e comercialização de feijão (carioca, rosinha) e sob o comando do saudoso Manelinho, por meio do deputado estadual João Emilio, foi apresentado à Assembleia Legislativa da Bahia projeto de Lei nº 4,960, de 23 de maio de 1979, que criava o município de Filadélfia. Mas a tão sonhada emancipação política só

aconteceu de fato 6 anos depois, quando já estava ocorrendo os tramites legais para a emancipação, pela Lei 4.451 de 09 de maio de 1985, desmembrando da cidade de Pindobaçu, a localidade passou a ser chamada de Filadélfia, no então governo de João Durval Carneiro. (FILADÉLFIA, 2014 apud IBGE, 2010).

De acordo com o Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável (2012),

Em 28 de Maio de 1885, através da Resolução n. 2499, a Assembleia Provincial decide transformar a Vila Nova da Rainha, instalada, definitivamente como Cidade de Senhor do Bonfim em 07 de janeiro de 1887, conforme ato do Juiz de Direito Interino, Doutor Aurélio Pires de Carvalho e Albuquerque (MACHADO, 2007). Que é a mãe dos nove municípios que compõem o Território, a saber: Andorinha, Antônio Gonçalves, Campo Formoso, Caldeirão Grande, Filadélfia, Jaguarari, Ponto Novo, Pindobaçu e Senhor do Bonfim, e cidade sede do Território. O histórico dos demais municípios muito se assemelha, exatamente pela origem destes, e a emancipação de cada um obedeceu às exigências pertinentes a cada momento da história em que manifestavam o intento, observando que os processos de Campo Formoso e Jaguarari, foram os mais complexos, nos fazendo entender que além do próprio momento da história, foi pela presença da coroa real em tais processos. (PLANO TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, 2012, p. 23).

Como vimos na citação acima abordando sobre a emancipação dos municípios, garantido por lei, ao qual segundo o enunciado se deu sobre os demais municípios que compõe o Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru. Essas cidades emancipadas são locais onde se tem as materializações mais visíveis dos processos, formas e agentes transformadores do espaço, tendo uma circulação do capital muito forte e frequente fazendo com que o meio urbano seja mutável. Onde hoje é um centro bastante movimentado tendo um comércio muito ativo, futuramente pode se tornar uma área cristalizada devido a perda de seus atrativos tanto comerciais como sociais, conseqüentemente mudando a paisagem urbana que é entendida como “a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano” (ADAM, 2008 apud CULLEN, 1983).

Para entender melhor essas transformações, é necessário saber quem as provém. Para Corrêa (1989), os agentes produtores do espaço urbano são: os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, estado e os grupos sociais excluídos. É essencial elencar que os agentes e processos transformadores do espaço urbano não atuam somente nas grandes cidades, mas, em todos os espaços independentemente do tamanho.

A atuação desses agentes desencadeia vários processos que segundo Corrêa (1989) “são responsáveis imediatos pela organização espacial desigual e mutável da cidade capitalista”.

Em geral, a estrutura das pequenas cidades brasileiras está estritamente ligada à questão da ruralidade e à forma como a cidade se insere na rede urbana. Isso não nega as influências da sociedade urbana no meio rural, pois entendemos que as mesmas são fortes no meio rural principalmente na atualidade. Filadélfia apresenta na maior parte de seu território características ligadas ao rural, seja pela sua paisagem, predominantemente natural, seja nas suas relações sociais, marcada pela proximidade entre as pessoas ou pela sua economia, em grande parte movida por atividades agropecuárias (plantações de algumas culturas no entorno da área centralizada, pequenos produtores rurais alimentando seus animais nas lagoas, em pequenos lotes de terras na área urbanizada, dentre outros). A vida cotidiana da cidade é caracterizada pela regularidade dos fatos, marcada por eventos naturais e não naturais como: safra de milho, feijão, mandioca e outros derivados, pelas tradições, como as festas religiosas de “São Sebastião” padroeiro da cidade, festejos típicos da cidade como: cavalgadas, festa do feijão, aniversário da cidade, compondo uma cultura típica de uma pequena cidade. A respeito dos seus aspectos setoriais, no seu núcleo urbanizado, o comércio tende a se concentrar, em sua maioria, na área central da cidade, onde estão localizados também os prédios da administração municipal, a feira livre, a Igreja Matriz, a praça, que se constituem como os principais pontos de encontro da população.

Em conversa com o entrevistado 2, que possui 35 anos de idade e através da observação “in loco” constatou-se que na cidade de Filadélfia encontram-se apenas 12 fábricas, sendo estas de grande e médio porte, instaladas em seu território. Sendo que 9 dessas fábricas pertencem ao ramo cerâmico, (Figura 4) e estão localizadas no distrito de Aroeira, área rural do município, a nove quilômetros do núcleo urbanizado, e 1 que pertence ao ramo de laticínios, (Figura 5), (tendo como especialidade a fabricação de queijo e manteiga). Essa por sua vez está localizada no povoado de Gameleira, próximo ao bairro Jacaré, na cidade em questão, e duas fábricas que produzem placas e molduras de gesso, situada na Avenida Eudaldo Mota.

Figura 4 -Fábrica do ramo cerâmico (1990)



Fonte: Acervo Fotográfico da Escola Mun. Maria Áurea

Figura 5 - Fábrica do ramo de laticínios (2012)



Fonte: ricardobanana.com.br

Embora localizadas fora do núcleo urbano da cidade, tais fábricas geram emprego e renda para parte da população e acabam trazendo certo desenvolvimento para o município, pois grande parte do que é produzido nas cerâmicas são destinados a área urbana, sendo utilizados na construção civil. Quanto ao laticínio grande parte do que é produzido é comercializado fora da cidade.

Já na sede do município, percebe-se a presença de pequenos, médios e grandes empresários e comerciantes (donos de supermercados, mercados, donos de material para construção civil, casa de ração e serviço veterinário, clínicas médicas e odontológicas, casa de peça automotiva, borracharia, lojas de roupas, açougue municipal, barracas do ramo de hortifrúteis, barracas de farinha, feijão, milho e derivados, barraca de alimentação, dentre outros). Estes, no entanto, principalmente os grandes empresários podem ser equiparados a proprietários do meio de produção, pois mesmo em uma escala pequena acabam influenciando na produção do espaço urbano de Filadélfia.

Dessa forma, entendemos que o comércio de Filadélfia, embora médio, acaba sendo fonte de emprego e renda para uma grande parcela da população e a sua presença acaba valorizando o espaço urbano e influenciando de forma direta na produção e reprodução do mesmo, como mostra as (Figuras 6 e 7) da Praça Cleriston Andrade (praça da feira livre).

Figura 6 - Praça Cleriston Andrade



Fonte: Foto do autor, 2022.

Figura 7 - Praça Clérison Andrade



Fonte: Foto do autor, 2022

Com relação aos proprietários fundiários, segundo Corrêa (1989, p.16), “são os proprietários de terras, que atuam no sentido de obterem a maior renda fundiária de suas propriedades, com interesse em que estas tenham o uso [...] comercial ou residencial de status”.

Analisando o município em estudo, em seu núcleo urbanizado, pode-se perceber que há poucos proprietários fundiários com propriedade de grandes lotes de terra o que se observa são proprietários de pequenos lotes de terra, localizados em alguns pontos centrais da cidade como mostra as (Figuras 8 e 9) e outros, em sua maioria, localizados em áreas periféricas, como mostra as (Figuras 10 e 11). O uso dessas terras é diverso, variando de acordo com sua localização.

Figura 8 – Rua Ana Isabel Muniz Maia



Fonte: Foto do autor, 2022

Figura 9 – Rua São Jorge



Fonte: Foto do autor, 2022

Figura 10 – Rua Jovino Oliveira Santo



Fonte: Foto do autor, 2022

Figura 11 – Rua Jovino Oliveira Santo



Fonte: Foto do autor, 2022

Os que estão localizados na área central da cidade geralmente são os mais valorizados por estarem cercados de melhor infraestrutura urbana, possuindo dessa forma, expectativa de uso comercial ou residencial de status. Já os proprietários de terrenos localizados em áreas periféricas, onde há menos infraestrutura urbana, acabam loteando as suas terras, porém, sem muita expectativa fundiária visto que não há tanta valorização comercial devido a sua localização.

Estas propriedades acabam sendo utilizadas para construção de habitações particular e pelo sistema de autoconstrução ou financiamento bancário.

Fora do núcleo urbano, há também grandes, médios e pequenos proprietários de terras dispersos no território da cidade, mas que por encontrarem-se longe do centro urbanizado e por viverem em um modo de vida rural, utilizam suas terras para parcelamento do solo e desenvolverem suas atividades agropecuárias, seja como fonte de renda ou de subsistência, sem expectativa de uso urbano.

Sobre os promotores imobiliários, segundo Corrêa (1989, p.19) refere-se a um conjunto de agentes que realizam, parcialmente ou totalmente, as seguintes operações: a) incorporação; b) financiamento; c) estudo técnico; d) construção ou produção física do imóvel; e) comercialização ou transformação do capital-mercadoria em capital-dinheiro.

Corrêa (1989, p.20) ainda destaca que “estas operações vão originar diferentes tipos de agentes concretos, incluindo o proprietário construtor do terreno, um agente clássico e que ainda persiste produzindo poucos e pequenos imóveis”.

A atuação dos promotores imobiliários está estritamente ligada à valorização das áreas do tecido urbano. Ao selecionarem determinadas partes do espaço urbano para a construção de empreendimentos, sejam eles residenciais ou comerciais, tais promotores levam em consideração fatores como: investimentos públicos ou privados, infraestrutura, amenidades naturais, fatores estes que determinam o valor de uso da terra urbana. No tecido urbano de Filadélfia foi possível constatar que há poucos promotores imobiliários atuando na produção do espaço urbano da cidade e observando a atuação desses agentes, pode-se notar que os mesmos se caracterizam como grandes, pequenos e médios empresários que adquirem lotes de terras e casas antigas, principalmente os localizados na porção central da cidade e constroem imóveis para uso comercial e residencial, tendo como principal finalidade o aluguel. Não há na cidade a existência de grandes conjuntos habitacionais, há, porém, pequenas propriedades fundiárias, não tão afastadas do centro da cidade, utilizadas para construção de imóveis residenciais, através do sistema de autoconstrução do governo Federal.

Diferente dos agentes produtores do espaço urbano, anteriormente citado o estado apresenta-se como o agente que mais atua no âmbito de uma cidade pequena como Filadélfia. Para Corrêa (1989, p.24) “sua atuação tem sido complexa e variável tanto no tempo como no espaço, refletindo a dinâmica da sociedade da qual é parte constituinte”. Ainda para o mesmo autor, “é através da implantação de serviços públicos, como sistema viário, calçamento, água, esgoto, iluminação, parques, coleta de lixo, etc., [...] que a atuação do Estado se faz de modo mais corrente e esperado”.

Analisando a infraestrutura da cidade de Filadélfia percebe-se uma relação direta entre o Estado, na figura da prefeitura, e os demais agentes produtores à medida que a prefeitura constrói, modifica ou faz melhorias na infraestrutura da cidade em função do aumento populacional, extensão dos bairros existentes ou apenas como mera atividade rotineira obrigatória.

Arrais (2013) conceitua mercado imobiliário como sendo: [...]

aquela parcela do mercado que está diretamente ligada ao negócio fundiário e imobiliário. O circuito fundiário (solo não edificado) e o circuito imobiliário (solo edificado) compreendem uma gama de atividades que não gravitam apenas no mercado habitacional, bastando para isso observar as negociações (locação e compra) em torno da localização para atender à ampliação do setor atacadista nos ambientes metropolitanos. A separação entre esses circuitos reveste-se, contudo, de um sentido artificial, uma vez

que os diversos atores atuam nos dois circuitos na busca de lucratividade, especialmente nos ambientes metropolitanos (ARRAIS, 2013, p. 11).

Já sobre os grupos sociais excluídos, embora em pequena quantidade, observou-se nas áreas periféricas da cidade de Filadélfia, a existência de construções em condições precárias, realizadas muitas vezes de forma ilegal em lugares sem infraestrutura necessária e com agentes sociais ligados a marginalidade.

Sobre isso, Corrêa (1989, p.29) aponta que “a habitação é um dos bens cujo acesso é seletivo: uma parcela enorme da população [...] não possui renda para pagar aluguel de uma habitação decente e, muito menos, comprar um imóvel”. A parcela da população que ocupa essas áreas é constituída pela população mais carente, que vivem em condições de desemprego ou de subempregos e que por não possuir condições financeiras para comprar um pequeno lote em locais mais adequados, acabam por ficar à margem da sociedade, causando uma espécie de segregação da população. Tais áreas acabam se tornando expansões dos bairros da cidade, o que torna necessário de forma direta a atuação da prefeitura para melhoria da infraestrutura desses locais, visando uma não segregação desses espaços dentro da cidade e conseqüentemente uma não desvalorização dessa população que ocupam essas áreas. Segundo Corrêa (1989, p.29), correlatado a falta de habitação adequada estão “a subnutrição, as doenças, o baixo nível de escolaridade, o desemprego ou o subemprego e mesmo o emprego mal remunerado”.

A cidade em estudo, de acordo com os conceitos estudados (Lei Orgânica Municipal, dados do IBGE (2010), dentre outros), caracteriza-se como uma típica cidade “pequena” ou “local” marcada pela ruralidade na maior parte de seu território e por uma cultura característica de cidades interioranas. Ao analisar a presença dos agentes produtores do espaço urbano dentro da cidade de Filadélfia, pode-se perceber que alguns desses agentes produtores, tais como os proprietários de meio de produção, proprietários fundiários e promotores imobiliários e a classe excluída atuam de forma limitada, devido a influência de fatores como o papel da prefeitura na rede urbana local e a ruralidade da cidade, que nesta cidade se mostrou bastante presente. Assim como na maioria das pequenas cidades, os agentes que mais atuam na produção do espaço urbano em Filadélfia é o Estado (na figura da prefeitura), promotores imobiliários e promotores fundiários, que agem em conjunto com os outros agentes produtores.

Como a atuação dos outros agentes produtores mostrou-se reduzida, a ação do Estado como produtor do espaço urbano torna-se ainda mais visível. A atuação de grupos sociais excluídos também foi identificada na construção do espaço urbano da cidade em estudo. Embora em menor escala quando comparada a uma grande cidade, Filadélfia não está livre dos problemas sociais presentes na sociedade contemporânea. Pode-se perceber na cidade o problema de segregação da população, onde grupos menos favorecidos economicamente acabam fazendo ocupações irregulares, em condições precárias e sem infraestrutura necessária.

Ao perceber uma série de transformações do espaço urbano brasileiro e, principalmente, quando esse é tratado enquanto mercadoria e instigado a uma intensa valorização, produto do modo de produção capitalista, que faz-nos refletir nessa acelerada produção de espaços desiguais, especialmente pelas concentrações populacionais urbanas.

Não diferente dessa realidade, a cidade de Filadélfia, com características particulares em sua história, que mostram transformações políticas, sociais e, principalmente, econômicas. Tem sido espaço de inúmeras modificações em sua estrutura urbana, revelando, por sua vez, interesses e ações de diversos sujeitos, especialmente em função dos agentes modeladores do espaço.

Desse modo, nossa investigação surge do questionamento sobre quais são, atualmente, as principais transformações socioespaciais ocorridas em Filadélfia, desde sua emancipação política até os dias atuais, em função do fortalecimento da ação do setor imobiliário na cidade, visto que, nesse período, percebe-se também um intenso processo de valorização do solo urbano e dos imóveis.

Com base nesses pressupostos, desenvolvemos esta proposta de pesquisa, que pretende analisar o que determinou as intensas transformações socioespaciais ocorridas em Filadélfia, entre os anos de 1985 e 2022, especialmente o forte processo de valorização imobiliária. Para a compreensão desse processo, tomamos como referência o centro da cidade, o Bairro do Estádio, Bairro Novo 1 e 2, loteamentos e alguns espaços públicos que sofreram transformações ao longo do tempo e os impactos causados por essas alterações no espaço urbano. Com base nessa informação, conforme Carlos (2007b, p. 27 e 28) apud Silva (2014) “o processo de produção da cidade tem por característica fundamental produzir um produto que é fruto do processo social de trabalho, enquanto processo de valorização, que aparece sob a forma de mercadoria, que se realiza através do mercado” no que tange na

perspectiva do mercado de imobiliário. Sobre essa questão reiterada acima no que condiz as transformações socioespaciais e o mercado de trabalho “ A mercadoria é, antes de tudo, Segundo Marx (1996, p. 165) apud Silva (2014) um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie”.

Dessa forma compreendemos que as cidades brasileiras retratam de forma efetiva as intensas heterogeneidades históricas do processo de produção e valorização de um determinado recorte do espaço urbano, especialmente, ao converter tal espaço em mercadoria. Essas questões comprometem a qualidade de vida dos cidadãos.

Conforme Santos (2005, p.95), apud Silva (2014) “com diferença de grau e intensidade, todas as cidades brasileiras exibem problemáticas parecidas”.

Não desigual a outras cidades brasileiras, Filadélfia, como já enfatizado, tem sido espaço de inúmeras modificações no espaço urbano revelando, por sua vez, um lugar de interesses e ações de diversos sujeitos.

Dessa forma, entende-se que para compreender a dinâmica do processo de urbanização de Filadélfia na atualidade, é indispensável analisar suas produções socioespaciais ocorridas através dos tempos.

Segundo Sposito (2005, p. 118),

as relações que promovem essas transformações na cidade incitam a pesquisar e entender a cidade de hoje, pois a investigação é estimulada quando percebemos a cidade como um espaço inconstante, que articula e se modifica, conforme a atuação dos diferentes agentes sociais que a compõe. “o espaço é história e nesta perspectiva, a cidade de hoje, é o cumulativo de todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim produzidas pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos”. (SPOSITO 2005, p. 118).

Diante disso, entendemos que para compreender a dinâmica do processo de urbanização de Filadélfia na atualidade é indispensável analisar suas produções socioespaciais ocorridas no tempo pretérito. De acordo com Carlos (2007, p. 117) apud Silva (2014) o tempo é um bem supremo, e “significa a apropriação dos lugares de realização da vida e neste sentido, se coloca o direito à cidade, produzindo uma identidade capaz de negar a identidade abstrata produzida pelo desenvolvimento do mundo da mercadoria”.

No primeiro momento partimos do pressuposto de que o modo como o espaço urbano de Filadélfia está estruturado é sem dúvidas produto do processo histórico,

social e político que modelaram e produziram características únicas presentes na atualidade. Dessa forma, é pertinente ressaltar que Filadélfia exerce um papel importante na rede urbana da região, a qual está inserida.

Apesar de um crescimento demográfico lento e de não oferecer grandes serviços, o recorte urbano da área central da cidade é bastante atrativo pelo setor imobiliário, o que torna o metro quadrado do tecido urbano valorizado. De acordo com o entrevistado 3, de 81 anos de idade, que é um dos especuladores imobiliários do município, o valor do metro quadrado (m²) dessa área é de 500,00 R\$, já em áreas da periferia o valor do metro quadrado é de aproximadamente 70,00 R\$. Em se tratando dos bairros próximos a área central e a Avenida Eudaldo Mota (Área comercial do ramo de material para construção, padarias, mecânica, metalúrgicas, dentre outros) valor do metro quadrado é de 200 R\$.

Diante disso, os preços das moradias ficam mais caros, tornando-se impossível às camadas mais pobres realizar plenamente o direito de habitar nesses locais, pois conforme Rodrigues (2001, p. 14) “para morar é necessário ter capacidade para pagar por esta mercadoria não fracionável, que compreende a terra e a edificação, cujo preço depende também da localização em relação aos equipamentos coletivos e a infraestrutura existente nas proximidades da casa/terreno”.

4. PROCESSO DE SOBREALORIZAÇÃO DO ESPAÇO: UM OLHAR SOBRE O CENTRO DA CIDADE

A urbanização é o processo de mudança dos aspectos rurais de uma região para as características urbanas. Na maioria das vezes, a urbanização está ligada ao desenvolvimento da civilização e da tecnologia. Nessa lógica e diante dos processos de transformação o espaço rural altera-se para urbano, conseqüentemente a população rural migra para o urbano. Essa migração gerou alguns impactos a exemplo a valorização do centro urbano onde se concentra o comércio da cidade.

Mas esse processo denominando urbanização só passou a ocorrer a partir da modernidade. Foi a partir daí que começaram a ser construídas as estradas, tendo como principal objetivo a fomentação da economia, além disso, surgiram centros comerciais e econômicos e a população que antes viviam em grandes centros agrícolas migrou-se para a cidade.

Continuando nesse debate, de acordo com Corrêa (1989),

Em termos gerais, o conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como: o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviço e de gestão; áreas industriais e áreas residenciais, distintas em termos de forma e conteúdo social; áreas de lazer; e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este conjunto de usos da terra é a organização espacial da cidade ou simplesmente o espaço urbano fragmentado. Eis o que é espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais. (CORRÊA (1989), p. 1).

Diante do exposto, consideramos a cidade como um espaço urbano com múltiplas divisões que se entrelaçam.

Em relação a continuidade do debate sobre o espaço urbano, Corrêa (1994), explica de forma objetiva e didática em sua obra “Espaço Urbano” como os agentes formadores do espaço urbano agem e interagem entre si, dando novas formas a cidade através de vários processos. Destaca a importância de compreender o meio urbano em geral, para que então, possamos visualizar e compreender o contexto histórico da aparência do ambiente de convívio até chegar aos dias atuais, podendo assim intensificar as raízes com a comunidade.

Segundo Carlos (2007),

A realidade urbana nos coloca diante de problemas cada vez mais complexos, que envolvem o desvendamento dos conteúdos do processo de urbanização nos dias de hoje; uma tarefa, a meu ver, coletiva, apoiada em um debate que seja capaz de contemplar várias perspectivas teórico-metodológicas como possibilidades abertas à pesquisa urbana. Por outro lado, não se pode ignorar o conhecimento acumulado sobre a cidade, que engloba um profícuo debate interdisciplinar, resultado do esforço das ciências parcelares na direção da elucidação da cidade. Esse acúmulo de conhecimento nos apresenta a cidade como obra da civilização, bem como lugar de possibilidades sempre ampliadas para a realização da vida humana. (CARLOS, 2007, p. 19).

O espaço urbano nas cidades brasileiras tem se reproduzido historicamente de forma desigual aprofundando a diferenciação socioespacial e suas consequências para a população. Estes problemas se tornam mais profundos quando se trata de lugares em que tiveram em sua história intervenções de grandes obras públicas.

A cidade de Filadélfia, especificamente, o centro da cidade molda um processo de sobrevalorização, onde o tecido urbano e os imóveis são elevados a condição máxima de mercadoria, em uma lógica com muitos obstáculos e cheia de conflitos, na qual pode-se perceber a imposição da mais valia e na maximização dos lucros.

A lógica do sistema capitalista firma-se enquanto um processo contraditório de produção e de condições de reprodução ampliada do capital. Não se circunscreve apenas e imediatamente à produção da mercadoria em si, mas também à distribuição, circulação e consumo, sendo esses os fatores que possibilitam a realização da mais-valia (SANTOS, J., 2008 p. 15).

Observa-se que o centro da cidade de Filadélfia, na contemporaneidade é um modelo da lógica destacada por J. Santos (2008), amparada nessa lógica de produção do sistema capitalista. Isso possibilita de forma consistente a criação de uma cultura de consumismo, o que desencadeia a realização acentuada da mais-valia do solo e dos imóveis.

Para M. Santos (1992), dentro do sistema capitalista produtivo o espaço-mercadoria é dotado de valor de acordo com a sua função. Sendo assim, os espaços modificam sua valorização com o tempo.

No caso do centro da cidade, observa-se que suas funções mudaram, principalmente no início dos anos 2000, quando este deixa de ser um bairro de classes mistas e se converte num espaço lucrativo e elitizado, pois seus terrenos, construções antigas adquiriram intensa valorização junto ao seu valor de uso e troca. Tanto o

Estado quanto os especuladores imobiliários contribuíram para essa sobrevalorização.

Segundo Harvey (1980, p. 119) apud Silva (2014) “num sistema de mercado privado do solo e da moradia o valor da moradia nem sempre é medido em termos de uso como abrigo e residência, mas em termos da quantia recebida no mercado de troca, que pode ser afetada por fatores externos, tais como a especulação”.

Na maioria das vezes, nas cidades brasileiras os terrenos e imóveis mais caros ficam localizados na área central e nos bairros que se localizam próximo ao centro da cidade, pois uma boa localização proporciona uma boa acessibilidade aos serviços oferecidos nesses locais. Desse modo, observa-se que uma das questões fundamentais no processo de valorização do recorte do espaço urbano de uma cidade é sua localização.

Em função de sua localização, o centro da cidade e os bairros do loteamento Várzea do Curral, Lagoa das garças e loteamento Adedina Maia, ao seguir essa lógica capitalista de produção atrai a grande massa dos agentes econômicos, que se apropriam desse solo urbano, dando-lhe o contorno que convém sua reprodução.

Em vista disso, o centro de Filadélfia a partir dos anos 2000 se mostrou bastante dinâmico, em decorrências das intensas transformações em sua estrutura física, visto que, observa-se ainda uma enorme quantidade de terrenos sem ocupação no entorno da área mais privilegiada da cidade, ou seja, há claros indicadores de que o espaço urbano nesse bairro tenha ocorrido principalmente pela especulação imobiliária.

Contudo, percebe-se que, para compreender toda essa dinâmica na construção do centro da cidade é de suma importância analisar o contexto socioespacial a partir da estruturação da produção e das relações sociais que se concretizaram no seu processo produtivo no decurso do tempo, para assim compreendermos as atuais formas espaciais.

Segundo relatos históricos de antigos moradores, o bairro inicialmente começa a atrair moradores em função do preço da terra ser muito acessível para um local tão próximo ao centro da cidade, porém, com infraestrutura ainda muito carente, pois as ruas não são pavimentadas, além dos moradores conviverem constantemente com os perigos decorrentes de uma área com muitos vazios urbanos.

Percebe-se que os representantes do poder público, juntamente com os agentes econômicos, realizaram e realizam diversas intervenções de infraestruturas

no bairro, fortalecendo assim as atividades do mercado imobiliário e a edificação de novos empreendimentos.

Entende-se que esse valor agregado do solo não é determinado pela produção, mas pela relação entre oferta e procura.

Segundo Carlos (2007c, p. 80) “as transformações do processo de reprodução do espaço urbano tendem a separar e dividir os habitantes na cidade em função das formas de apropriação determinadas pela existência da propriedade do solo urbano; cada um num endereço específico, apontando para uma segregação espacial bem nítida”.

O fator infraestrutura, agregado a localização, fortalece o processo de especulação imobiliária e a valorização do metro quadrado do solo urbano, conseqüentemente dos imóveis.

5. TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NO ESPAÇO DA CIDADE: REFLEXÕES DAS TRANSFORMAÇÕES A PARTIR DE REGISTROS FOTOGRÁFICOS.

As transformações ocorridas no município de Filadélfia, no recorte espacial escolhido para concretização desse trabalho, têm se modificado de forma significativa.

Figura 12 – Hospital São Sebastião (1990)



Fonte: Acervo Fotográfico da Escola Mun. Maria Áurea

Figura 13 – Hospital São Sebastião (2022)



Fonte: Foto do autor, 2022

Figura 14 – Colégio Estadual (1990)



Fonte: Acervo fotográfico da Escola Mun. Maria Áurea

Figura 15 – Colégio Estadual (2022)



Fonte: Foto do autor, 2022

Figura 16 – Igreja Católica São Sebastião (1990)



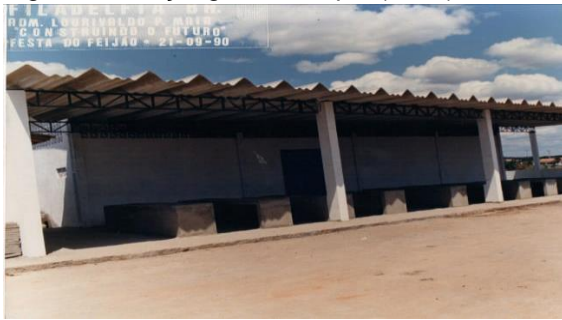
Fonte: Acervo fotográfico da Escola Mun. Maria Áurea

Figura 17 - Igreja Católica São Sebastião



Fonte: Foto do autor, 2022

Figura 18 – Açougue Municipal (1990)



Fonte: Acervo Fotográfico da Escola Mun. Maria Áurea

Figura 19 – Açougue Municipal (2022)



Fonte: Foto do autor, 2022

Figura 20 – Avenida ACM (1990)



Fonte: Acervo fotográfico da Escola Mun. Maria Áurea

Figura 21 – Avenida ACM (2022)



Fonte: Foto do autor, 2022

Figura 22 – PMF (1990)



Fonte: Acervo Fotográfico da Escola Mun. Maria Áurea

Figura 23 – PMF (2022)



Fonte: Foto do autor, 2022

Figura 24 – Creche Mãe Dedé (1988)



Fonte: Acervo fotográfico da Escola Mun. M. Áurea

Figura 25 – Creche Mãe Dedé (2022)



Fonte: Foto do autor, 2022

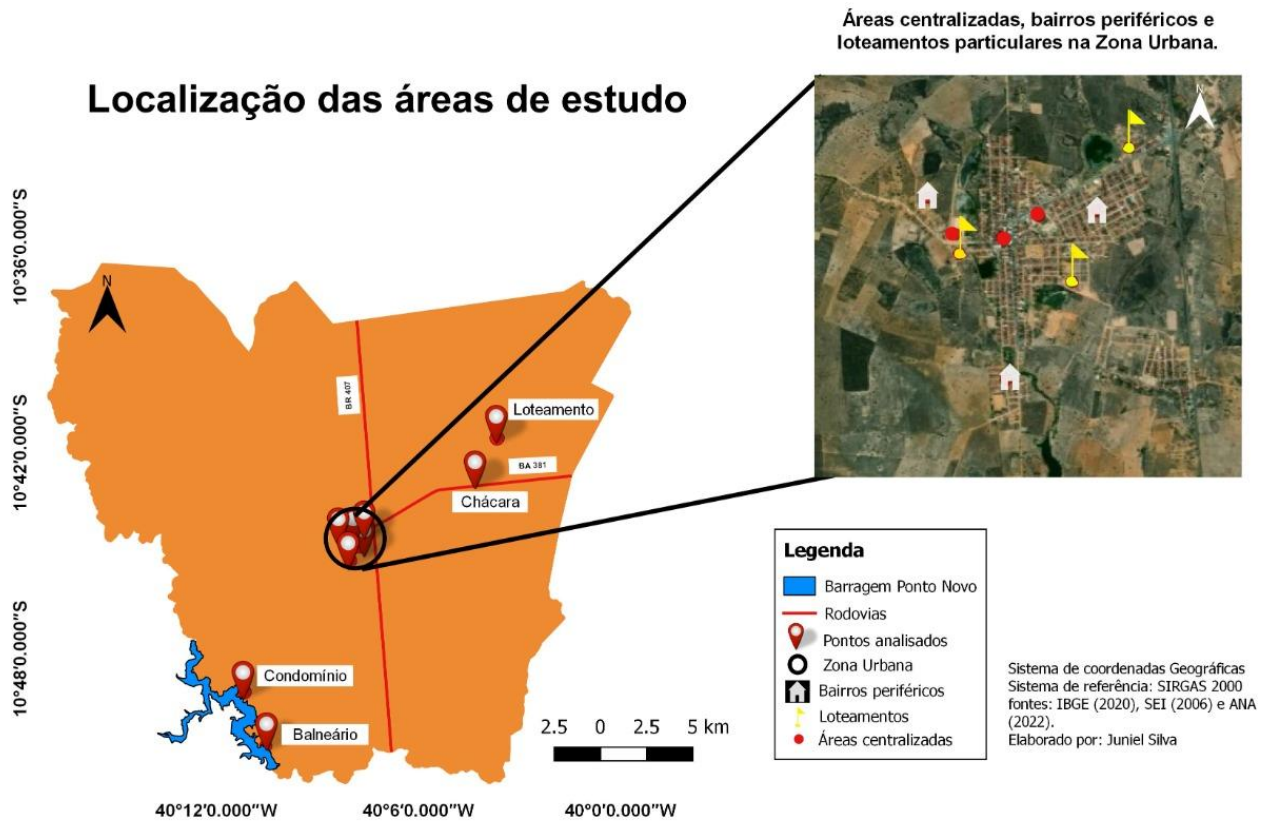
Essas transformações e modificações espaciais pode ser percebida e é fruto também das relações sociais estabelecidas entre o espaço urbano-rural, sobretudo mediante a maior espacialização das relações capitalistas, caracterizando o avanço daquilo que Lefebvre (2004) denomina de urbanização da sociedade urbana. Mas na realidade de Filadélfia esse é um movimento incompleto com a permanência de ruralidades no urbano.

A distinção de rural e urbano não pode se resumir a meras descrições numéricas ou sobre os dados e a definição oficial, mas nas relações sociais que circulam entre esses espaços, considerando a atual complexidade do processo imposta pela globalização dos espaços, pelo poder do capital, pela ação do Estado, bem como fomentar a crítica necessária a essas imposições (SANTOS DA SILVA, 2011, p.196).

Em Filadélfia o urbano e o rural tem uma relação muito ampla, é perceptível práticas e espaços não urbanos, presentes em pessoas que moram na zona rural e precisam se deslocar de suas residências para trabalhar e principalmente para usar os serviços oferecidos na zona urbana. Além disso, percebe-se algumas paisagens do meio rural inserida no urbano. Contudo, podemos observar características predominantes no meio urbano presentes no espaço rural, como: pessoas que saem de suas casas para trabalhar na zona rural, como é o caso de professores, agricultores, pequenos produtores de leite, agentes de saúde, outros para descansar, para práticas de esporte (algumas pessoas treinam, participam de torneios e campeonatos na zona rural) para passear, dentre outros.

Para as reflexões das transformações a partir de registros fotográficos selecionamos alguns pontos do Município de Filadélfia-BA, nos quais são: Praça Cleriston, Avenida Antônio Carlos Magalhães, Praça Luís Eduardo Magalhães, Rua do Campo, Bairro do Estádio, Bairro Novo, Bairro Várzea do Curral (casas populares), Bairro Jacaré (casas populares), Loteamento Várzea do Curral, Loteamento Adedina Maia, Loteamento Recanto das Gaivotas, algumas lagoas e fotografias pretéritas e atuais de algumas edificações públicas e particulares. Na área rural como citado, para entender o parcelamento do solo, selecionamos algumas chácaras, condomínio e alguns lotes de terra fora do núcleo urbano. A escolha desses locais se deu pela curiosidade de compreender os processos pelo qual se deu tais transformações ao longo do tempo. O mapa de localização das áreas de estudo, elaborado por Juniel silva, conforme a Figura 26.

Figura 26



5.1 ÁREAS CENTRALIZADAS

Figura 27 - 1ª Feira livre



Fonte: Prefeitura Municipal

Apesar do fato das primeiras casas e os primeiros botecos e vendas (nome adotado para designar um local que vendia alimentos) estarem localizados no extremo Oeste, onde hoje fica localizado o Bairro Várzea do Curral, de acordo com o entrevistado 1, a cidade cresceu no sentido oposto em direção a Rodovia Federal (BR) 407 que fica a Leste. Isso ocorreu devido à ideia de dois fazendeiros, Alvino Maia e Quintino Braga, de criar uma feira livre (Figura 27), um local de encontro das pessoas. Na década de 1960, Alvino Maia doou o terreno e Quintino Braga fez a limpa do mesmo e assim começou as primeiras feiras de Filadélfia que acontecia aos domingos. Devido a isso alguns comerciantes começaram a construir seu comércio neste local. Muitas pessoas também construíram suas residências em torno desse pequeno comércio emergente para facilitar a obtenção dos produtos de consumo deixando assim o Bairro Várzea do Curral isolado (relatos de antigos moradores). Outro fator importante e que contribuiu bastante para a escolha do lugar, onde hoje é a cidade de Filadélfia é sem dúvida a grande quantidade de açudes e os rios do Aipim e Itapicuru que fica no entorno desse recorte espacial.

Fazendo uma análise da paisagem de Filadélfia através de imagens fotográficas é possível observar que onde o cenário era apenas um açude e/ou lagoa deu lugar a outro panorama com finalidade oposta. Percebe-se que a paisagem atual foi construída pelo homem.

A infraestrutura da praça começou a ser feita ainda quando era distrito de Pindobaçu e posteriormente, depois da emancipação a praça recebeu o restante das benfeitorias como água encanada e pavimentação das ruas.

Com o passar do tempo todos os terrenos do centro foram ocupados, tanto por novas residências como de novas casas de comércio, sendo assim começou-se a especulação imobiliária nesse espaço que se tornou sinônimo de prosperidade, tornando assim uma área bastante valorizada.

Hoje com a expansão da cidade em forma horizontal, requer uma oferta de produtos maior e mais diversificada, exigindo assim o crescimento do comércio da cidade e conseqüentemente do centro. Imóveis residenciais estão sendo transformados em comércios, prédios e mini shoppings (Figuras 28 e 29). Essa modificação da paisagem ocorre devido os proprietários de residências domésticas com condição financeira pequena, não suportarem a atratividade de altos valores que os promotores imobiliários oferecem, ficando assim deslumbrados e vendendo seus imóveis. É importante destacar, que devido ao alto preço do m² que custa em média

3.000,00 R\$, para essa área específica, apenas promotores imobiliários que possuem um alto poder aquisitivo estão adquirindo esses espaços. Paralelo a isso, é o local com maior crescimento vertical da cidade, devido ao teor de investimento que está sendo aplicado por esses agentes. Caracterizando assim a explosão de moradores com menor poder aquisitivo, em contrapartida a implosão de agentes mobiliários.

Figura 28 – Praça Cleriston Andrade, (Centro da Cidade)



Fonte: Skyline, 2018.

Figura 29 – Avenida Antônio Carlos Magalhães (ACM), (Centro da Cidade)



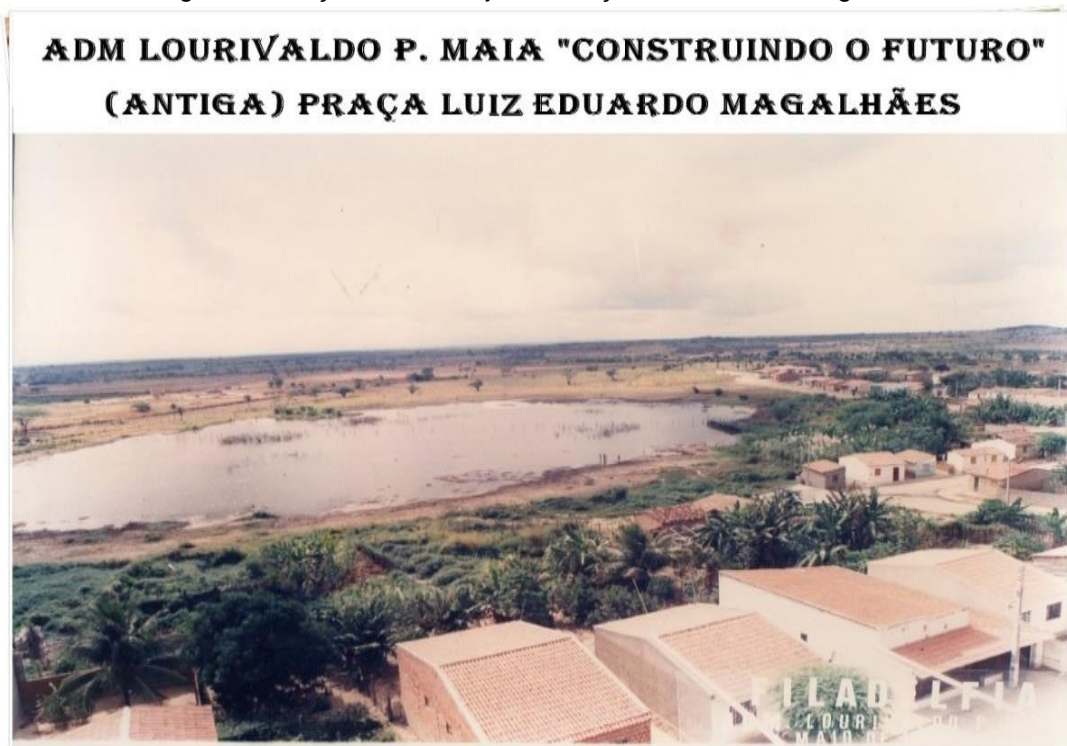
Fonte: Skyline, 2018

É importante ressaltar que a Avenida Eudaldo Mota, que corta a cidade de leste oeste fazendo a ligação entre à BR 407 até o centro, está ocorrendo um processo de coesão, sendo essa avenida especializada em serviços de mecânica, metalúrgico, lojas de matérias para construção e outros serviços.

PRAÇA LUIZ EDUARDO MAGALHAES.

Onde hoje está localizada a Praça Luiz Eduardo Magalhães, de acordo com a entrevistada 4, de 79 anos de idade, em torno da década de 60 era um açude (Figura 30) que os moradores usufruíam da água do mesmo para consumo humano e de animais, pois não existia barragem na região tão pouco rede de abastecimento de água.

Figura 30 – Açude, onde hoje é a Praça Luiz Eduardo Magalhães



Fonte: Prefeitura Municipal de Filadélfia, 1990

Com o passar do tempo quando foram surgindo novas formas de abastecimento o açude ficou no esquecimento e começou a ser entupido com entulho. Depois de entupido tiveram a ideia de transformar aquela área em um campo de

futebol, no qual, moradores se encontravam no fim do dia para praticar o esporte, mas, tinham problemas em períodos chuvosos, pois, o local ficava alagado.

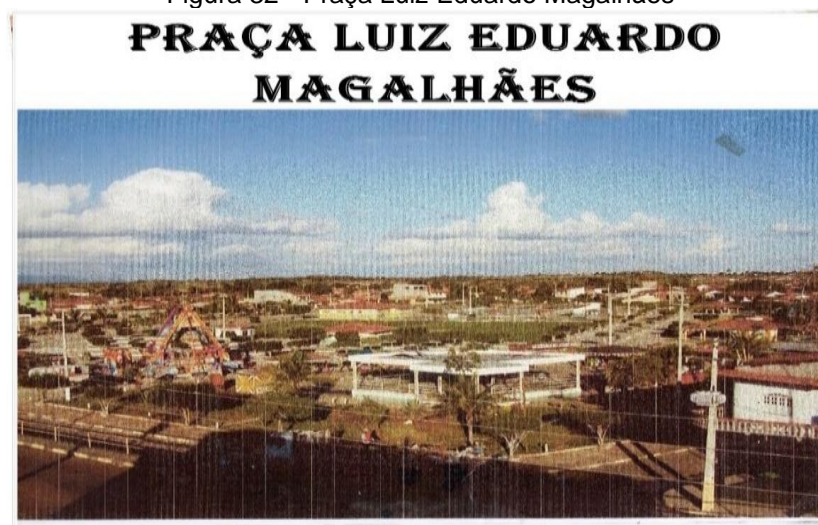
Figura 31 – Início das obras da Praça Luiz Eduardo Magalhães em 1990



Fonte: Prefeitura Municipal de Filadélfia, 1990

Em 1999, no governo do Prefeito Lourivaldo Perreira Maia, iniciou as obras da Praça Luiz Eduardo Magalhães (Figura 31), popularmente conhecida como “pracinha”. Tinha-se como objetivo torna-la um local de lazer para população filadelfense, onde as pessoas poderiam praticar esportes, fazerem caminhadas e consumirem bebidas. Assim, a Praça tornou-se um local público de encontro da população, inexistente até então. Para isso foi realizada infraestruturas necessárias como, por exemplo: Quadra poliesportiva, Pista de atletismo, pequeno parque de diversões para as crianças, campo society e quiosques. A obra foi finalizada em 1999 (Figura 32).

Figura 32 - Praça Luiz Eduardo Magalhães



Fonte: Prefeitura Municipal de Filadélfia, 2020

O projeto de tornar esse espaço público em um centro social acabou não tendo um funcionamento prático, sendo um dos principais motivos a falta de manutenção. O parque das crianças não existe mais, está dando lugar a Clina Pedagógica Municipal (CLIPEM), conforme a (Figura 33) , a quadra poliesportiva e os campos foram reformados e a falta de opção de consumo e atrativos na área ao redor fez com que as pessoas procurassem outros locais para consumir com maior diversidade. Essa praça acaba tendo uma movimentação e atração de pessoas quando tem um evento esporádico, exemplo: festas na cidade e eventos municipais, e tradicional festa do feijão a última aconteceu em 2019 conforme a (Figura 34).

Figura 33 - Construção da CLIPEM



Fonte: Site oficial da Prefeitura, 2022

Figura 34 - Festa do feijão em 2019



Fonte: Site oficial da prefeitura, 2022.

RUA DO CAMPO

Rua do Campo, como é chamado o espaço urbano, onde localizava-se o “Campão”, local onde seu Zeca criou a primeira escolinha de futebol infantil e juvenil da cidade, onde acontecia os principais campeonatos, municipal e intermunicipal, torneios de futebol envolvendo várias equipes de diferentes zonas do município, local onde acontecia os “treinos” todas as segundas, quartas e sexta-feira, onde os atletas de diferentes pontos da cidade se reuniam para treinar. É importante mencionar que o “Campão” ficava na área central do tecido urbano de Filadélfia, rodeado por casas residências. Lembro-me, quando ainda criança me deslocava de minha residência que ficava na zona norte do campo para assistir aos futebóis e demais jogos. Além disso, o campo era utilizado pelos professores de educação física do colégio Municipal Professora Alice Lopes Maia (no qual estudei desde o primeiro ano do ensino fundamental I até o último ano do ensino fundamental II), para dá aula prática de diversas modalidades de esporte para os alunos. No ano de 2021, os atletas tiveram que se despedir do campo, conforme a (Figura 35) do último treino naquele espaço, pois o mesmo, através de um projeto do Estado esse espaço deixaria de ser um campo e passaria a ser o Colégio moderno, padrão FNDE conforme a (Figura 36).

Figura 35 – Último treino no “Campão”.



Fonte: Professor Irineu, 2021.

Figura 36 – Construção do Colégio Municipal



Fonte: Foto do autor, 2022.

O principal motivo para os poderes executivo e legislativo decidirem construir a escola nesse espaço, foi a constante reclamação dos moradores do entorno campo, pois os mesmos sofriam perdas materiais como telhado destruído, portas de vidros quebrados devido ao “bombardeio” de bolas. Além disso, podemos destacar a falta de procura e interesse de especuladores imobiliários, o que deixava aquele recorte espacial desvalorizando, mesmo tendo uma ótima localização.

O Estado, por meio da prefeitura, para amenizar a insatisfação do público que joga bola e dos amantes do futebol amador, decidiu construir um campo murado, com lanchonete, vestiários, banheiros, conforme a (Figura 37).

Figura 37 – “Campo Seu Zeca”



Fonte: Foto do auto, 2022.

É importante mencionar que o novo campo tem sua localização na zona Oeste do centro da cidade e recebeu o nome de Campo “Seu Zeca”, em homenagem a esse grande incentivador do esporte na cidade de Filadélfia. O recorte do espaço urbano onde encontra-se a instalação do Campo “Seu Zeca” era uma lagoa sem utilidade, a prefeitura aterrou o espaço onde seria construído o campo e a outra parcela permanece como antes, conforme as (Figuras 38).

Figura 38 – “Campo Seu Zeca” e a lagoa



Fonte: Foto do autor, 2022

A chegada do campo neste recorte espacial, apesar de ser próximo ao centro da cidade e já possuir algumas edificações, tanto comercial quanto residencial não tornou o local atrativo para os agentes imobiliários, por conta da salinidade no solo, pouca infraestrutura, a lagoa, por ficar ao lado do curral de comercialização de animais, dentre outros fatores que contribuíram para isto.

5.2 BAIRROS PERIFÉRICOS

Em 1994 a gestão do município sentiu a necessidade de ter um estádio de futebol para realizar os jogos municipais, então, o prefeito da época Eudaldo Mota, fez a compra de uma área de terra no extremo Sul da cidade para construir o mesmo. A

obra começou em 1995, terminou em 1996 e foi inaugurada no mesmo ano, conforme a (Figura 39).

Figura 39 – Estádio de Futebol Adjacy Lopes



Fonte: Foto do autor, 2022

A área do terreno que foi destinada para construção do estádio era muito grande e só uma parte foi utilizada. 11 anos depois da inauguração, já na gestão do ex-prefeito Barbosa Santos, essa área inutilizada foi doada para a população carente para construção de moradias. Nessa época não existia a Lei que autorizava o poder executivo municipal a fazer doação de imóvel público, dessa forma o gestor municipal dentro de suas atribuições legais recorreu a Lei Orgânica do município, mais precisamente ao Art. 100, inciso XII, que lhe deu embasamento para realizar toda tramitação.

De acordo com a Lei Orgânica de Filadélfia, o Art. 100 – Compete privativamente ao Prefeito: Inciso XII – decretar, nos termos legais, desapropriação por necessidade ou utilidade pública ou por interesse social;

De acordo com a Lei Orgânica de Filadélfia é de competência do poder executivo decretar, nos termos legais, desapropriação por necessidade ou utilidade pública ou por interesse social. Dessa forma, entendemos que a área sem utilidade foi doada por interesse social. De acordo com o Diário Oficial do Estado 13 de maio de 2009. Ano 1 N°032 a LEI N° 135/2009, de 13 de maio de 2009 autoriza o poder executivo municipal a doar imóvel público que especifica para edificações diversas no Município de Filadélfia e dá outras providências partir de 2009.

As pessoas selecionadas se encaixam em partes no grupo dos excluídos, pois, se não houvesse essa doação de terreno dificilmente tinham condições de adquiri-los por conta própria. Apesar do incentivo de ocupação nessa área, os gestores não desenvolveram um plano de infraestrutura para esse bairro, tornando assim, além de um local habitado por pessoas de classe baixa também sem estruturas básicas para o bem-estar da população que vive no mesmo. Exemplos dessas más ofertas do serviço público são: falta de rede de esgoto, ruas pouco pavimentadas (Figura 40) e a presença de um açude (Figura 41) que é um exultório de grande parte do esgoto produzido na cidade, conseqüentemente refletindo no mau odor do local e doenças, principalmente as que são provocadas por insetos. Além dos problemas citados, esse bairro se encontra afastado do centro, inserido assim na periferia. Os serviços essenciais à vida nesse bairro é bastante limitado. Dessa forma os moradores precisam se deslocar até o centro para ir ao médico, fazer compras, realizar saques e/ou depósitos em bancos, ir à farmácia, dentre outros.

Figura 40 – Ruas pavimentadas Bairro do Estádio



Fonte: Foto do autor, 2022.

Figura 41 – Açude no Bairro do Estádio



Fonte: Foto do autor, 2022

Apesar, dos fatos mencionados, de não ter muito investimento público, o fato de a população que habita neste local possuir pouco poder de alteração do espaço, nos últimos anos um proprietário fundiário que tem uma porção de terra situada a Leste do bairro, fez o parcelamento do solo de uma parte de sua área, onde loteou a um preço acessível e atrativo (para aqueles grupos menos favorecidos e que não podem adquirir um lote na área central ou em áreas mais privilegiadas da cidade), dessa forma puderam construir suas casas, conforme as (Figuras 42 e 43). Além disso, podemos observar algumas construções de igrejas, como por exemplo a igreja Católica que foi construída recentemente, conforme a (Figura 44). Outro fator importante é que essa área não faz parte dos interesses dos agentes imobiliários, pois, ao visar o lucro, sabe-se que não tem público destinados a comprar e alugar esses imóveis.

Figura 42 – Avenida ACM



Fonte: Foto autor, 2022.

Figura 43 – Rua Jovino O. Santo



Fonte: Foto do autor, 2022.

Figura 44 - Igreja Católica (Bairro do Estádio)



Fonte: Foto do autor, 2022

BAIRRO NOVO

Onde hoje está localizado o Bairro Novo, antes era uma propriedade rural com atividade de criação bovina, tendo o Sr. Valdemar como proprietário, o qual até hoje é um dos principais agentes fundiários e imobiliário do município, possuindo terras ao redor do mesmo e investindo em loteamentos e casas nessas áreas e principalmente na área central da cidade.

Em 1990 a prefeitura com plano de povoamento da cidade, adquiriu essa área, medindo cerca de 60.000 m², situada a leste do centro. Mas esse plano foi se concretizar na prática apenas em 1997, quando o então prefeito Lourivaldo Pereira Maia fez a divisão dos terrenos, construiu algumas residências e doou a população, no qual esses beneficiários deveriam ser de renda baixa, residir na zona rural e manifestar interesse em morar na cidade.

Devido a essa seleção, esse bairro é conhecido por habitar pessoas com baixo poder de consumo, nível inferior de escolaridade e altos índices de uso de drogas. A partir dos anos 2000, os gestores começaram a investir mais nesse espaço, iniciando assim a pavimentação das ruas, posto de saúde e escolas, evitando assim que as crianças percorrerem uma grande distância para estudar. É relevante destacar que esse bairro possui um comércio efetivo, mas limitado, por esse motivo muitas pessoas se deslocam para o centro para poder comprar ou consumir determinados produtos.

Esse bairro, apesar dos fatos mencionados acima, nos últimos anos tem apresentado mudanças na sua paisagem, devido a alguns investimentos públicos, ao valor de uso da terra que é acessível a uma parcela da classe trabalhadora, conforme as (Figuras 45 e 46). É importante ressaltar que grande parte da população pertence a um grupo de moradores de renda per capita baixa, sendo sua renda destinada apenas para compra de alimentos e vestimentas. Diante dos fatos mencionados o valor do m² do solo e as residências possuem um baixo preço.

Figura 45- Bairro Novo



Fonte: Foto do autor, 2022.

Figura 46 - Bairro Novo



Fonte: Foto do autor, 2022

5.3 LOTEAMENTOS PARTICULARES

Quanto aos loteamentos particulares, podemos dizer que no atual momento a Cidade de Filadélfia conta com várias áreas de parcelamento do solo, na sua maioria podemos afirmar que os lotes pertencem a alguns proprietários fundiários, outros numa pequena parcela pertencem a um grupo de pessoas que tem uma pequena área

de terra na zona urbana do município. Basicamente, entende-se por loteamento uma porção de terra que é dividida em lotes com a finalidade principal a edificação de imóveis. Abaixo iremos mostrar através de registros fotográficos os lotes, sua localização e seus respectivos agentes.

É importante mencionar que o município em questão não possui o Estatuto da Cidade, Plano Diretor e a Lei de aprovação de projeto de parcelamento do solo.

Segundo a Lei Orgânica de Filadélfia,

Art. 100 – compete privativamente ao prefeito, inciso XXII – aprovar projetos de edificação e planos de loteamento, arruamento e zoneamento urbano para fins urbanos, na forma da Lei, bem como oficializar e regulamentar a utilização dos logradouros públicos; (Emenda nº 001 de 02 de maio de 2008).

De acordo Art. 2º, o território do Município poderá ser dividido em distritos criados, organizados e suprimidos por lei municipal, observada a legislação estadual, a consulta plebiscitária e o disposto nesta Lei Orgânica.

Art. 4º. Os loteamentos deverão atender pelo menos aos seguintes requisitos: I – as áreas destinadas a sistemas de circulação, a implantação de equipamento urbano e comunitário, bem como a espaço livres de uso público, serão proporcionais à densidade de ocupação prevista pelo plano diretor ou aprovada por lei municipal para a zona em que se situem; II – os lotes terão área mínima de 125m² (cento e vinte e cinco metros quadrados) e frente mínima de 5 (cinco) metros, salvo quando o loteamento se destinar a urbanização específica ou edificação de conjuntos habitacionais de interesse social, previamente aprovados pelos órgãos públicos competentes; III - ao longo das águas correntes e dormentes e das faixas de domínio público das rodovias e ferrovias, será obrigatória a reserva de uma faixa não edificável de 15 (quinze) metros de cada lado, salvo maiores exigências da legislação específica;

IV – a via de loteamento deverá articular-se com as vias adjacentes oficiais, existentes ou projetadas, e harmonizar-se com a topografia local; § 1º A legislação municipal definirá, para cada zona em que se divida o território do Município, os usos permitidos e os índices urbanísticos de parcelamento e ocupação do solo, que incluirão, obrigatoriamente, as áreas mínimas e máximas de lotes e os coeficientes máximos de aproveitamento. § 2º Consideram-se comunitários os equipamentos públicos de educação, cultura, saúde, lazer e similares; § 3º Se necessária, a reserva de faixa não-edificável vinculada a dutovias será exigida no âmbito do respectivo licenciamento ambiental, observados critérios e parâmetros que garantam a segurança da população e a proteção do meio ambiente, conforme estabelecido nas normas técnicas pertinentes.

As citações supracitadas citam os requisitos mínimos que os proprietários de loteamentos devem atender. Entendemos que esses requisitos não são suficientes para atender as necessidades básicas da sociedade, como saneamento básico, água

tratada e energia elétrica. Em visita in loco percebemos que a maioria dos loteamentos do município não são contemplados com esses serviços.

LOTEAMENTO VÁRZEA DO CURRAL

O loteamento da Várzea do Curral está localizado na zona oeste do centro da cidade, ótima localização, de fácil acesso, mas devido à falta de alguns serviços fundamentais para o desenvolvimento socioeconômico, a paisagem desse recorte urbano tem se transformado a passos lentos, (Figura 47). O metro quadrado do solo desse loteamento é um pouco elevado para a realidade da população filadelfense, parte deles já foram vendidos e transformado a paisagem natural em edificações, mas ainda podemos ver através das imagens fotográficas uma grande porção de terra com sua paisagem natural, (Figura 48). Como mencionado acima o loteamento é bem localizado, mas mesmo assim não atrai o interesse dos especuladores imobiliários, principalmente devido aos problemas citados acima. Grande parte dos agentes transformadores desse espaço urbano, são comerciantes, funcionários públicos, aposentados, proprietário fundiário e uma pequena parcela de pessoas comuns, (Figura 49). Sobre isso Concordamos com Corrêa (1989, p.29) aponta que “a habitação é um dos bens cujo acesso é seletivo (...)”.

Figura 47 - Loteamento Várzea do Curral



Fonte: Foto do autor, 2022.

Figura 48 – Lotes sem uso (Loteamento V. Curral)



Fonte: Foto do autor, 2022.

Figura 49- Rua Hidelbrando O. Maia (V. Curral)



Fonte: Foto do autor, 2022.

LOTEAMENTO ADEDINA MAIA

O loteamento pertence ao atual prefeito da cidade de Filadélfia, conforme a (Figura 50) ele que é um grande empresário do ramo da agropecuária, especulador imobiliário, proprietário fundiário pois o mesmo possui terras na área urbana da cidade e também na área rural do município e o próprio Estado (Estar como prefeito Municipal). O classificamos como especulador imobiliário por que ele comprou esse e outros terrenos sem uso ou com o uso limitado, visando melhorias no entorno que o tornasse valioso e possibilitasse a venda futura com lucros. Além disso, ele é um grande estrategista, como todo agente imobiliário é. Após fazer a regulamentação nos tramites legais, parcelou o solo dessa área e a grande jogada para tornar a paisagem urbana desse local atrativa e desejada, vendeu um lote para Prefeitura Municipal de Filadélfia, para construção de uma nova creche infantil, conforme a (Figura 51).

O loteamento Adedina Maia, é de ótima localização, assim como os outros mencionados acima. Através de visita in loco, foi possível observar duas paisagens totalmente diferente no espaço urbano em questão, ao Norte do empreendimento da área central do loteamento (Creche Municipal), podemos observar através da imagem fotográfica uma paisagem transformada pelo homem e ao Sul da Creche Municipal, podemos observar uma paisagem pouco alterada pela ação do homem. Esse processo ocorreu devido a infraestrutura que a primeira recebeu a pouco tempo, isso fez com que houvesse uma transformação acelerada da paisagem. Através da (Figura 52), podemos observar uma das ruas que foi contemplada com serviços de saneamento básico, como rede de esgoto, iluminação elétrica, distribuição de água potável, coleta de lixo e pavimentação asfáltica. Já a parte do terreno que se encontra

Figura 51 – Creche Sonho de Criança (Loteamento Adedina Maia)



Fonte: Foto do autor, 2022

Figura 52 – Rua contemplada com infraestrutura



Fonte: Foto do autor, 2022

Figura 53 – Área ao Sul da Creche



Fonte: Foto do autor, 2022

LOTEAMENTO RECANTO DAS GAIVOTAS

O loteamento Recanto das Gaivotas, é um recorte do espaço urbano de Filadélfia que surgiu de forma estratégica. Antes de acontecer a divisão do solo dessa área, o proprietário decidiu construir um grande empreendimento no local, (Figura 54) (Hotel Portal da Cidade). Algum tempo depois o Estado, por meio da Prefeitura Municipal revitalizou a Lagoa que foi denominada pela população como Lagoa das garças. Além da limpeza, foi construída uma pista no entorno da mesma para prática de exercício físico e implantou um sistema de iluminação pública de toda área que compõe a lagoa, (Figura 55).

Figura 54 – Hotel Portal da Cidade, Avenida Eudaldo Mota



Fonte: Foto autor, 2022

Figura 55 – Lagoa das Gaivotas



Fonte: Foto do autor, 2022

Observa-se que o empreendimento e toda infraestrutura realizada no entorno da lagoa, foram importantes para valorização do valor de uso desses lotes. Além disso, esses fatores juntos com a localização atraíram de forma significativa uma parcela da população que ainda não possuíam residência própria, (Figuras 56). O Loteamento fica localizado ao Norte de uma das principais avenidas da cidade e a oeste da lagoa e a leste do Bairro do Contorno, que por sua vez fica as margens da Rodovia Federal Brasileira (BR 407). Esse loteamento pertence ao prefeito da cidade, que é empresário, proprietário fundiário e um dos maiores promotores imobiliários da cidade. Todos esses fatores contribuíram para que essa paisagem deixasse de ser um espaço de aparência rural para tornar-se uma paisagem urbana como mostra a imagem.

Figuras 56 – Edificações do Loteamento Recanto das Gaivotas



Fonte: Foto do autor, 2022

É importante mencionar que dos loteamentos citado acima, somente o Loteamento Adedina Maia possui registro em cartório. Os demais pediram requerimento junto a prefeitura, mas não foram registrados em cartório. Dessa forma, denominamos áreas como essas de loteamentos clandestinos.

Em visita in´ loco observa-se que existem mais cinco (5) áreas pequenas de terra, distribuídas em diversos pontos da cidade, que foram divididos em lotes, com preço acessível. Esses por sua vez tem transformado a paisagem denominada rural numa paisagem urbana.

5.4 CHACREAMENTO, CONDOMÍNIO E BALNEÁRIO NA ZONA RURAL

A paisagem de algumas áreas rurais do município de Filadélfia tem apresentado mudanças nas suas características na atualidade, devido ao aumento de construção de chácaras. Essas por sua vez tem despertado o interesse de algumas pessoas, principalmente aquelas de classe média e classe média alta.

O principal objetivo desses empreendimentos é o lazer aos finais de semana. Muitas famílias usufruem desses terrenos para eventos comemorativos, descansar e irem para um ambiente rural a procura de paz. A maioria dessas chácaras possui um play ground infantil (área ao ar livre para recreação contendo brinquedos e outros equipamentos para recreação) para as crianças desfrutar, conforme a (Figura 57).

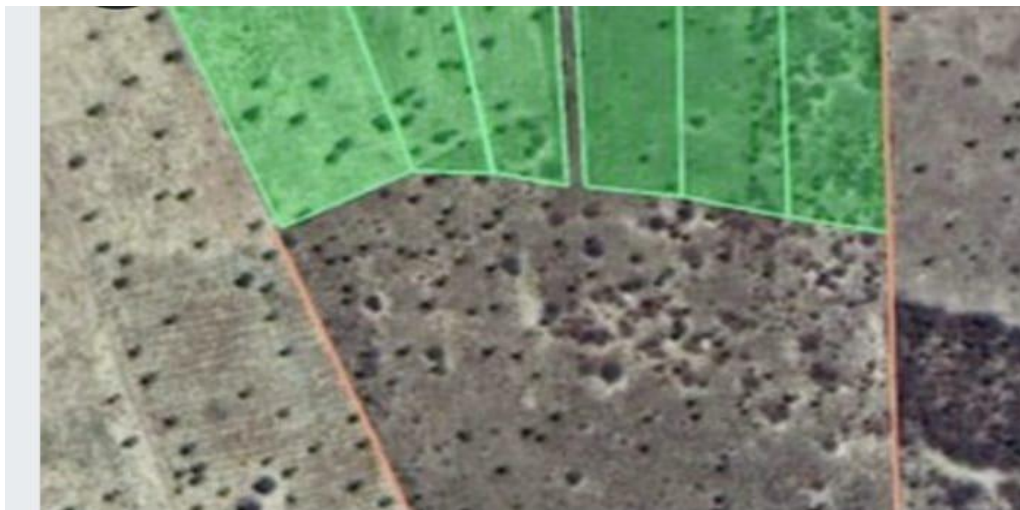
Figuras 57– Chácara em área rural



Fonte: mgfimoveis.com.br

Observa-se que alguns proprietários de áreas rurais pequenas, decidiram dividir sua porção de terra em lotes para a construção de chácaras visando obter lucro (Figura 56), pois se fosse vender a área toda não conseguiria um preço atrativo. Além disso, percebemos a presença de alguns proprietários do meio de produção, como o agente imobiliário e especulador imobiliário presente no meio rural. Esses, por sua vez, compram uma porção de terra sem uso definido, em lugares estratégicos pra a construção de alguns empreendimentos (chacras, condomínio rural). Como é o caso do Condomínio Náutico Verano (situa-se as margens da bacia do Rio Itapicuru, onde foi construída a barragem de Ponto Novo-Bahia, (Figura 58).

Figura 58 - Loteamento Fazenda Maçaroca-Filadélfia



Fonte: mgfimoveis.com.br

Figura 59 - Condomínio Náutico Verano - Filadélfia



Fonte: Yndimarimoveis.com.br

A (Figura 60) é um empreendimento que fica no Carrapato, zona rural do município de Filadélfia. O local onde está localizado esse lote é bastante estratégico, porque tem sua localização as margens da Ba 381 que liga Filadélfia a cidade de Itiúba-BA.

Figura 60 - Lotes na Fazenda Carrapato- Filadélfia



Fonte: mgfimoveis.com.br

O Estado, por meio da PMF, decidiu construir o balneário do Sítio do Meio (prainha) as margens da bacia hidrográfica que drena para a barragem de Ponto Novo-Ba, conforme a (Figura 61).

Figura 61 – Balneário do Sítio do Meio



Fonte: Prefeitura Municipal de Filadélfia

Esse empreendimento é um dos lugares mais requisitados do município, onde se desenvolve o turismo. De acordo com a Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente (SEMAGRI), “a iniciativa visa gerar emprego e renda, proporcionar um ambiente melhor e de qualidade para explorar o local como atração turística, beneficiando de forma direta 30 famílias que trabalharão com piscicultura e na administração do balneário”. É importante mencionar que o balneário atrai um elevado número de turistas do próprio município e de cidades vizinhas a cada temporada do verão. A paisagem exuberante do entorno do balneário é um dos fatores que contribui para torna-lo ainda mais atrativo.

É importante mencionar que os principais fatores que contribuíram e contribuem para o surgimento e aumento de chácaras no município de Filadélfia são o fornecimento de água potável, através da Empresa Baiana de Águas e Saneamento (EMBASA) e o fornecimento de energia elétrica.

O município firmou convênio com a Companhia de Engenharia Hídrica e de Saneamento da Bahia (CERB), para levar água encanada para mais de 400 famílias de 8 comunidades do município. (SEMAGRI E Prefeitura Municipal de Filadélfia, 8 de agosto de 2021).

A lei 6.766/79 conceitua loteamento como “a subdivisão de gleba em lotes destinados a edificação, com abertura de novas vias de circulação, de logradouros públicos ou prolongamento, modificação ou ampliação das vias existentes”; e desmembramento como a “subdivisão de gleba em lotes destinados a edificação, com aproveitamento do sistema viário existente, desde que não implique na abertura de novas vias e logradouros públicos, nem prolongamento, modificação ou ampliação dos já existentes”.

De acordo com a Lei Federal 6.766/79, o loteamento/desmembramento traz implicações urbanísticas com o aumento horizontal da cidade, bem como ambientais, impactando no ambiente urbano, na cobertura vegetal da cidade, em questões de cursos naturais de água, água pluvial, esgoto, lixo, mobilidade urbana, dentre outros. Por essas razões, a fim de que um projeto de loteamento seja aprovado, ele deve atender a essa série de requisitos urbanísticos e ambientais. Tal aprovação constitui limitação ao poder de dispor do proprietário, limitação que justifica o impacto social e ambiental do parcelamento. O art. 3º da lei 6.766/79 dispõe que “somente será admitido o parcelamento do solo para fins urbanos em zonas urbanas ou de expansão

urbana ou de urbanização específica, assim definidas no plano diretor ou aprovadas por lei municipal”.

Conforme o art. 2º, §5º da lei 6.766/79 “a infraestrutura básica dos parcelamentos é constituída pelos equipamentos urbanos de escoamento das águas pluviais, iluminação pública, esgotamento sanitário, abastecimento de água potável, energia elétrica pública e domiciliar e vias de circulação”. Os requisitos mínimos para realização de loteamento estão previstos no art. 4º da lei 6.766/79.

Arrais (2013) conceitua mercado imobiliário como sendo: [...]

aquela parcela do mercado que está diretamente ligada ao negócio fundiário e imobiliário. O circuito fundiário (solo não edificado) e o circuito imobiliário (solo edificado) compreendem uma gama de atividades que não gravitam apenas no mercado habitacional, bastando para isso observar as negociações (locação e compra) em torno da localização para atender à ampliação do setor atacadista nos ambientes metropolitanos. A separação entre esses circuitos reveste-se, contudo, de um sentido artificial, uma vez que os diversos atores atuam nos dois circuitos na busca de lucratividade, especialmente nos ambientes metropolitanos (ARRAIS, 2013, p. 11).

No que se refere as modificações dos bairros, temos como exemplo o bairro Jacaré o qual desde o seu surgimento sofreu poucas alterações, apenas algumas casas do projeto minha casa minha vida foram construídas nesse local e alguns serviços de infraestrutura realizada pelo Estado, através da Prefeitura Municipal de Filadélfia (PMF).

Com o projeto minha casa minha vida foram construídas algumas edificações no bairro Várzea do Curral em 2014 e entregue aos contemplados somente no ano de 2015, o local não era iluminado e só agora recebe iluminação elétrica, como pode ser visto na (Figura 62).

Figura 62 - Casas Populares do Bairro Várzea do Curral



Fonte: Site oficial da prefeitura Municipal de Filadélfia

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que ao analisar o contexto geográfico da cidade de Filadélfia-BA, buscando compreender a produção do espaço e as transformações dessa cidade na periodização de 1985 a 2022, não foi tarefa fácil. Reafirmamos que para materialização dessa pesquisa, teve dupla dificuldade a começar pela escassez de documentos históricos sobre Filadélfia-BA sobre o processo de planejamento urbano, por falta e mesmo poucos documentos históricos sobre a cidade. A outra limitação foi a pandemia que não possibilitou o deslocamento e viagens para outros municípios a exemplo de Salvador a fim de colher documentos importantes que iriam nos auxiliar na construção desse trabalho.

Mesmo mediante tais dificuldades optamos metodologicamente por aderir a uma perspectiva da geografia histórica como procedimento e mediação importante de investigação geográfica para compreender o processo de produção do espaço e urbanização da cidade e município de Filadélfia-BA.

Mediante investigação documental, uso de fotografias que demonstraram o histórico das transformações do município, assim como as entrevistas com moradores antigos nos proporcionou conhecer e entender como se deram as produção e reprodução do espaço urbano e as transformações do espaço de Filadélfia. Os documentos históricos nos ajudaram a entender o processo do planejamento urbano, as contribuições teóricas e empíricas desta pesquisa foram primordiais para ser destacada a função do espaço urbano, haja vista que a urbanização é um processo relacionado a espacialização das relações capitalistas de produção ocorrendo assim as transformações do espaço rural para o urbano como ocorreu mesmo que de forma incompleta no município citado na pesquisa.

A busca de materiais fotográficos permitiu ilustrar o contexto das transformações obtendo uma relação com a temática escolhida a fim de esclarecer por meio de paisagens a interpretação histórico geográfica de Filadélfia, mostrando assim como a cidade obteve a sua reprodução de forma desigual em relação a diferenciação socioespacial, gerando consequências para a população, problemas estes que são decorrentes de intervenções de grandes obras públicas.

Ainda que o município seja considerado novo, possui diversos registros dos quais são úteis em pesquisas acadêmicas do curso de Geografia em que se desperta a curiosidade do graduando de conhecer e relatar sobre a construção histórica de

cidades próximas ou até mesmo a cidade natal, visando a perspectiva dos espaços construídos em tais municípios como Filadélfia.

É de grande importância que o espaço geográfico da cidade seja analisado e interpretado diante do contexto histórico, assim será visto todo o processo de transformação ocorrente no município. Utilizar instrumentos como as fotografias e documentos do local foram de suma relevância no que se refere as interpretações acerca das modificações existentes na paisagem.

Portanto, salientamos que todo o procedimento desenvolvido neste trabalho expõe o contexto histórico da cidade de Filadélfia, sendo de grande valia na vida dos moradores do município, tendo em vista que as ilustrações aproximam ainda mais o cidadão filadelfense da sua região despertando-lhes a curiosidade em conhecer sua história e torna-se base para outros acadêmicos de Geografia desenvolver novas pesquisas referentes ao tema desenvolvido nesta.

Como citado anteriormente a urbanização de Filadélfia se configura com “uma urbanização incompleta”. Isso é percebido tanto pelas ruralidades quanto pela falta de infraestrutura e manutenção de espaços públicos, como: ruas, praças de eventos, praça da feira, parques, quadras poliesportivas, dentre outros. O Estado é o principal responsável para que esse processo ocorra nas cidades, pois, ele autoriza o privado a fazer o parcelamento do solo e não exige que os requisitos mínimos sejam atendidos. Esse processo ocorre também nos bairros mais requisitados da cidade em questão.

Filadélfia é marcada pela ruralidade na maior parte de seu território e por uma cultura característica de cidades interioranas. Observa-se que alguns agricultores produzem seus produtos no entorno e dentro da área urbana, animais sendo alimentados nas lagoas da cidade e em pequenos lotes de terras situados na área central, criatórios de aves em terrenos situados no urbano, dentre outros.

A cidade de Filadélfia possui características particulares em sua história, e tem sido palco de inúmeras transformações em sua organização urbana, política, social e econômica, tornando assim um lugar de interesses e ações de diversos sujeitos.

Contudo essas transformações causam alguns impactos, tanto positivo quanto negativo. Dentre os diversos espaços que tiveram sua transformação que causar impacto positivo, trazemos como exemplo, a Creche Mãe Dedé e o Hospital Municipal. A creche dos anos 80 tinha aspecto de uma casa residencial, com poucas salas, poucos profissionais versus a Creche nos dias atuais, que tem na sua estrutura física

um espaço amplo, atende às necessidades de realização de um trabalho pedagógico de qualidade, ainda conta com pátio, parque de diversões, área para alimentação, est.. Já o Hospital dos anos 90 tinha uma estrutura precária, com poucos equipamentos e utensílios, as pessoas que precisavam dos serviços desse órgão tinha que sair de suas residências pela madrugada para conseguir atendimento, pois as fichas eram limitadas, não tinha recepção, já o prédio atual é moderno, dispõe de diversos serviços, com recepção ampla e refrigerada, com equipamentos modernos e de qualidade, dentre outros. Quanto as transformações que causaram e causam impactos negativos, podemos citar algumas residências que mediante as desigualdades sociais e o desenvolvimento desigual da sociedade foram construídas em locais impróprios, como próximo a lagoas e açudes. Essas por sua vez, em época de muita chuva sofrem com alagamentos e o aumento de insetos causadores de doenças.

Para entender as transformações ocorridas no município em questão, é importante saber quem as provém. No município de Filadélfia, podemos citar o Estado como o principal modelador do espaço urbano, seguido pelos proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, estado e os grupos sociais excluídos. É evidente que esses agentes da produção do espaço se materializam em sujeitos concretos da luta de classes na sociedade capitalista e que estão materializados na produção dessa cidade.

É de suma importância ressaltar que trabalhos como este devem ser popularizados, pois, apesar de ser bastante relevante, pesquisas como estas são raras no Brasil, principalmente em cidades interioranas e pequenas como é o caso de Filadélfia. Em razão disso, entendemos que esse trabalho é muito importante para a sociedade e para a geografia da região e baiana. Compreendemos que trouxemos uma grande contribuição para a compreensão do município de Filadélfia-BA, assim como deixamos contribuições para investigações futuras e mesmo para a produção didático pedagógica que verse sobre esse município.

REFERÊNCIAS

ADAM, Roberto Sabatella Adam. **Analisando o conceito de paisagem urbana de Geordon Cullen**. da Vinci, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 61-68, 2008.

ARRAIS, T.A. **Morar na Metrópole, Viver na Praia ou no Campo: a segunda residência e o mercado imobiliário**. Goiânia Ed. UFG, 2013.

BAHIA. **Lei Nº 4.451 de 09 de maio de 1985**, desmembramento da cidade de Pindobaçu.

BRAGA, Rhalf Magalhães **. **O Espaço Geográfico: Um Esforço de Definição**. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 22, pp. 65 – 72, 2007

BRASIL, **Lei Nº 6.766 de 19 de dezembro de 1979**. Dispõe Sobre o Parcelamento do Solo Urbano e dá outras Providências.

CARNEIRO, P.A.S. (2018) **Questões Teóricas e Tendências da Geografia Histórica**. GEOgraphia. vol. 20, n. 42, 2018: jan./abr.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos Sobre a Cidade)** FFLCH São Paulo, 2007, pag. 11.

CARLOS, A. F. ALESSANDRI. **O Espaço Urbano: Novos escritos sobre a cidade.**, FFLCH São Paulo, 2007. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 22, 2007
BRAGA, R. M.

CIAVATTA, Maria. **Mediações históricas de trabalho e educação: gênese edisputas na formação dos trabalhadores (Rio de Janeiro, 1930-1960)**. Rio de Janeiro: Lamparina, CNPQ, Faperj, 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo. Ática. 1989.

FILADÉLFIA. **Lei Nº 012/2001**, de 12 de dezembro de 2021. dispõe sobre as construções no Município de Filadélfia, Estado da Bahia e dá outras providências.

FILADÉLFIA. **Diário Oficial do Estado, 13 de maio de 2009. Ano 1 Nº032 a LEI Nº 135/2009**, de 13 de maio de 2009 autoriza o poder executivo municipal a doar imóvel público especifica para edificações.

FILADÉLFIA. **Lei Orgânica Municipal: Diário oficial do Estado, 13 de maio, Lei Nº 4.960**, de 23 de maio de 1979, que criava o município de Filadélfia.

GONÇALVES, Katiane Benevides. **A Produção de Cidade: Uma análise das transformações do espaço urbano na Cidade de Andorinha-BA (1989-2020)**. Senhor do Bonfim, 2021.

IBGE | Cidades@ | Bahia |Filadélfia | História & Fotos, 2010.

IBGE. **Histórico de Filadélfia-Ba.**
Disponível:<http://www.camaradefiladelfia.ba.gov.br/historia.php>. Acessado: 10 de abril de 2018.

GIRANDI, Eduardo Paulon. Subisídios do Coceito de Espaço Geográfico em Milton Santos e em Roger Brunet para uma Interpretação Sobre a indissociabilidade entre Espaço geográfico e Território. Disponível em: [file:///C:/User/Juniel/Downloads/1349-12435-1PB%20\(1\).pdf](file:///C:/User/Juniel/Downloads/1349-12435-1PB%20(1).pdf). Acesso em 14 de janeiro de 2020

KLAFKE, K. et al, BALDONI L. **Geografia dos Serviços: Uma Reflexão Sobre as Pequenas Cidades;** Ipeúna-SP - Anais I Simpósio Brasileiro de Geografia ..., 2018 - unifal-mg.edu.br

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** Centauro Editora, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução Urbana.** Belo Horizonte: Ed. UFMG.

LIMA, Átila de Menezes. **A Particularidade de um Projeto Modernizador:** Virgílio Távora e o Processo de Eletrificação do Estado do Ceará de 1950 a 1980. Fortaleza – Ceará, 2015.

LIMA, A. M. **A geografia Histórica de Iguatu-CE:** uma análise da cultura algodoeira de 1920 a 1980. Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia - MAG da Universidade Estadual do Ceará – UECE, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia. FORTALEZA 2011.

_____. **Geografia Da Acumulação Capitalista:** o caso do algodão em Iguatu – Ceará. AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros). Realizado de 25 a 31 de julho de 2010. Porto Alegre - RS, 2010.

_____. **Debates acerca da geografia histórica e da geohistória:** elementos para a análise espaço-temporal. Espaço Aberto, V. 2, N.2, p. 51-72, 2012. Rio de Janeiro. Disponível em: <chromeextension://mhjfbmdgcfjbbpaeojofohoefgihjai/index.html>Acesso em: 05 de setembro 2019

_____. **Ensaio e proposições para a utilização do método histórico na análise geográfica.** In: anais da semana universitária da UECE, 2010.

LUKÁCS, Gyorgy. **Para uma ontologia do ser social I.** Tradução Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. – São Paulo: Boitempo, 2012.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens:** uma história de amor e ódio: São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MAUAD AM - **ATRAVÉS DA IMAGEM: FOTOGRAFIA E HISTÓRIA I NTERFACES** (*) Tempo, Rio de Janeiro, 1996 - historia.uff.br

MARX, Karl. **O capital: Crítica da economia política**. Vol. I, Livro Primeiro, TOMO 1. **O Processo de Produção do Capital**. Apresentação de Jacob Gorender, Coordenação e revisão de Paul Singer, Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Território e História no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Annablume, 2008.

PLANO TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL TIPNI – **Território de identidade Piemonte Norte Do Itapicuru**. Julho de 2012.

SANTOS, Milton. **território, Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SOUZA, M. J. L. “**O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**”. In: Castro, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Geografia: Conceitos e temas**: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 77-116

RAMALHO, C. I. **LICURI (Syagrus coronata)**. <http://www.cca.ufpb.br/lavouraxerofila/culturas.html> > ..., 2006 - cca.ufpb.br